

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

DEIBSON PEREIRA BELO

**SOLANACEAE JUSS. EM UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO NA MATA
ATLÂNTICA DE PERNAMBUCO, BRASIL**

**RECIFE
2020**

DEIBSON PEREIRA BELO

**SOLANACEAE JUSS. EM UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO NA MATA
ATLÂNTICA DE PERNAMBUCO, BRASIL**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Ciências Biológicas, Departamento de Biologia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas.

Orientadora: Dra. Maria Teresa Buriel

RECIFE

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

452s

Belo, Deibson Pereira

Solanaceae Juss. em uma unidade de conservação na Mata Atlântica de Pernambuco, Brasil / Deibson Pereira Belo. - 2020.
70 f. : il.

Orientadora: Maria Teresa Buril.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Bacharelado em Ciências Biológicas, Recife, 2020.

1. Florística. 2. Morfologia. 3. Solanum. 4. Taxonomia. I. Buril, Maria Teresa, orient. II. Título

CDD 574

DEIBSON PEREIRA BELO

**SOLANACEAE JUSS. EM UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO NA MATA
ATLÂNTICA DE PERNAMBUCO, BRASIL**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Ciências Biológicas, Departamento de Biologia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas.

Área de Concentração: Botânica

Aprovada em: 17/09/2020

Nota: 9,8

Comissão Examinadora

1º Titular (Presidente - Orientadora)

Profa. Dra. Maria Teresa Buril

Universidade Federal Rural de Pernambuco

2º Titular

Msc. Silmara Cecília Nepomuceno

Universidade Federal Rural de Pernambuco

3º Titular

Msc. Swami Leitão Costa

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Dedico esta monografia à minha mãe, Marlene, mulher guerreira, idealizadora e patrocinadora de toda minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pelo dom da vida, sabedoria e proteção.

À minha mãe, por todo auxílio financeiro concedido, pois sem isso, seria muito difícil cursar as disciplinas e ainda conciliar com a pesquisa/estágio, visto que, dos cinco anos de curso, apenas fui agraciado com bolsa de pesquisa durante um ano.

À Teresa Buri, minha mentora. Muito obrigado por toda paciência, conselhos, ensinamentos e principalmente pelo carinho em ensinar a taxonomia de forma humana. Além de orientadora, Teresa é um grande ser humano.

À Dra. Ângela Miranda, curadora do Herbário Sérgio Tavares (HST-UFRPE), que foi a primeira pessoa que me apresentou a Botânica, desde a época que cursava engenharia florestal. Lembro-me como hoje, quando pedi uma vaga de estágio e fui apresentado ao mundo mágico das plantas e logo conheci a taxonomia de angiospermas. Obrigado, Ângela.

Aos meus amigos de laboratório que juntos formam a família LASI (Laboratório de Sistemática Integrativa), Silmara, Swami, Juliana, Joilson, Ketley, Tainá e Diego. Além dos amigos que fizeram parte do LASI, quando ainda era LASEA, como o querido Júnior (Geadelande), onde pude aprender e compartilhar ótimos momentos; a querida Antonela pelas inúmeras companhias e descontração no lab, principalmente nas horas de descrever nossas “plantinhas” e a querida Nahila, que se afastou do laboratório por motivos de saúde, sendo a primeira pessoa que fiz amizade assim que entrei para o time LASEA.

Ao querido Eder, que além de companheiro, foi um grande amigo durante a construção desse árduo trabalho. Onde teve muita paciência comigo, me concedendo muitos ensinamentos, paz e compaixão. Obrigado por tudo.

À Profa. Dra. Anna Carolina Soares Almeida, que foi a professora que ficou à frente da coordenação do curso de Bacharelado em Ciências Biológicas, e me

ajudou em tudo que precisei no decorrer da minha vida acadêmica. Desde a matrícula até a fase final do meu curso. Um ser humano iluminado, com muita paz e uma alegria e perseverança contagiosa. Profa. Carol, eu só tenho a lhe agradecer por tudo. A senhora é uma pessoa maravilhosa. Fui muito feliz em fazer parte como discente do DB em sua gestão na coordenação. Um grande beijo.

Aos meus amigos de graduação, sem vocês meus dias não seriam legais nos corredores do Departamento de Biologia. Pedro, Iara, Rauana, Sheyla, Lívia, Fernanda, Samara, Ítalo, Mayrla, Beatriz, Karlla, Marília, entre outros. Vocês foram importantes nesta etapa. Desejo sucesso a todos vocês.

Aos queridos amigos, Emanuel Messias, Marianna Rigoni e Edward Albergaria, que mesmo distantes sempre trocávamos informações acadêmicas e aleatórias. Como também aos amigos que a vida me proporcionou, Luiz, Jaíla, Ezio, Viviany Ponte, Carol Ribeiro entre muitos que fizeram e fazem parte do meu cotidiano.

À Regina Carvalho, pelas belíssimas ilustrações. Desde a minha primeira iniciação científica ela ilustra minhas belas plantas de estudo. Obrigado, Regis.

Aos curadores e técnicos dos herbários PEUFR, HST, IPA e UFP que foram bastantes atenciosos em todas as visitas.

Aos membros da banca, por terem aceitado meu convite. É um imenso prazer, tê-los como comissão examinadora. Muito obrigado.

Ao CNPq pela bolsa de PIBIC (ano 2017/2018) e a Universidade Federal Rural de Pernambuco pelos carros concedidos durante nossas coletas (Pesquisa em movimento); por me oferecer uma graduação com ensino de qualidade e proporcionar professores maravilhosos e oferecer projetos de pesquisas. Universidade Pública é vida!!!

E por fim, #ELENÃO #ELENUNCA!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
RESUMO	8
ABSTRACT	9
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
1.1 A FAMÍLIA SOLANACEAE.....	10
1.2 UNIDADES DE CONSERVAÇÃO	12
1.3 O DOMÍNIO FITOGEOGRÁFICO DA MATA ATLÂNTICA.....	13
2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	15
MANUSCRITO I - Flora da Estação Ecológica de Tapacurá, São Lourenço da Mata, Pernambuco – Brasil: Solanaceae A. Juss.	19
RESUMO/ABSTRACT	20
INTRODUÇÃO	21
MATERIAL E MÉTODOS	23
RESULTADOS	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
FIGURAS	62
AGRADECIMENTOS	66
REFERÊNCIAS	66

APRESENTAÇÃO

O presente estudo teve como objetivo principal contribuir com o conhecimento taxonômico de espécies da família Solanaceae Juss., ocorrentes em uma unidade de conservação no estado de Pernambuco. São apresentados tratamentos taxonômicos com descrições morfológicas, comentários taxonômicos, dados sobre períodos fenológicos e de distribuição das espécies.

Esta monografia está organizada em duas partes: 1. Uma fundamentação teórica que abrange informações sobre a família Solanaceae, Unidades de Conservação e o Domínio Fitogeográfico da Mata Atlântica; 2. E um manuscrito intitulado “Flora da Estação Ecológica de Tapacurá, São Lourenço da Mata, Pernambuco – Brasil: Solanaceae Juss.”, contendo um tratamento taxonômico para as espécies ocorrentes na estação ecológica (ESEC), além de três novos registros para o estado de Pernambuco. O manuscrito foi redigido de acordo com as normas do periódico a ser submetido.

RESUMO

O presente trabalho consiste em um estudo sobre a taxonomia das espécies da família Solanaceae ocorrentes na Estação Ecológica (ESEC) do Tapacurá, situada no município de São Lourenço da Mata, Pernambuco, Brasil. Durante a execução do estudo foram realizadas coletas de campo entre os meses de setembro de 2019 a março de 2020, além de consultas aos principais herbários do estado de Pernambuco (IPA, HST, PEUFR e UFP). Na ESEC do Tapacurá ocorrem 29 espécies distribuídas entre os gêneros *Brunfelsia* (1 sp.), *Capsicum* (3 spp.), *Cestrum* (2 spp.), *Datura* (1 sp.), *Dysochroma* (1 sp.), *Physalis* (3 spp.), *Schwenckia* (2 spp.), *Solandra* (1 sp.) e *Solanum* (16 sp.). Três novos registros são apresentados para o estado de Pernambuco – *Physalis peruviana*, *Solanum jussiaei* e *Solanum rugosum*, além de duas novas ocorrências para o domínio da Mata Atlântica – *Datura metel* e *Solanum rhytidoandrum*. São apresentadas chaves de identificação para os gêneros e espécies ocorrentes na ESEC do Tapacurá, além de descrições, comentários taxonômicos e de distribuição, fotografias e ilustrações.

Palavras-chave: florística, morfologia, taxonomia.

ABSTRACT

The present work consists of a study on the taxonomy of the species of the Solanaceae family occurring at the Estação Ecológica (ESEC) of Tapacurá, located in the municipality of São Lourenço da Mata, Pernambuco, Brazil. During the execution of the study, field collections were carried out between September 2019 and March 2020, in addition to main herbal consultations in the state of Pernambuco (IPA, HST, PEUFR and UFP). In the Tapacurá ESEC there are 29 species distributed among the genera *Brunfelsia* (1 sp.), *Capsicum* (2 spp.), *Cestrum* (2 spp.), *Datura* (1 sp.), *Dysochroma* (1 sp.), *Physalis* (3 spp.), *Schwenckia* (2 spp.), *Solandra* (1 spp.) and *Solanum* (16 spp.). Three new records are superior for the state of Pernambuco - *Physalis peruviana*, *Solanum jussiaei* and *Solanum rugosum*, in addition to two new occurrences for the Atlantic Forest domain - *Datura metel* and *Solanum rhytidobandrum*. They are identification keys for the genera and species occurring at ESEC in Tapacurá, in addition to descriptions, taxonomic and distribution comments, photographs and illustrations.

Key words: floristic, morphology, taxonomy.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A FAMÍLIA SOLANACEAE

Solanaceae A. L. Jussieu., está inserida na ordem Solanales, é constituída por 106 gêneros (OLMSTEAD et al., 1999) e cerca de 2.300 espécies. Tem distribuição cosmopolita, porém, a América do Sul representa um dos seus principais centros de diversidade e endemismo, com cerca de 50 gêneros endêmicos (HUNZIKER, 2001).

A família é monofilética e dividida através de caracteres morfológicos, anatômicos, químicos e citológicos de em seis subfamílias: Cestroideae Schtdl., Juanulloideae (Hunz.) Hunz., Solanoideae Schtdl., Salpiglossoideae (Benth.) Hunz., Schizanthoideae (Miers) Hunz. e Anthocercidoideae (G. Don) Tétényi (HUNZIKER, 2001). Caracterizam-se por serem arbustos, árvores, ervas escandentes e epífitas. Apresentam filotaxia alterna, limbo foliar composto ou simples, com estípulas ausentes, margens inteiras ou lobadas, glabras, pubescentes até tomentosas, e com uma grande diversidade de tricomas, podendo apresentar tricomas simples, estrelados e glandulares, principalmente em espécies do gênero *Solanum* L. Possuem flores vistosas, variando de pequenas a grandes, pentâmeras, actinomorfas ou zigomorfas, diclamídeas, solitárias ou em diferentes tipos de inflorescências, cálice gamossépalo, o qual pode ser acrescentado ao fruto e corola gamopétala. Os frutos podem ser bagas, drupas ou cápsulas (HUNZIKER, 2001; KNAPP, 2002; SOUZA & LORENZI, 2012).

Diversas espécies da família apresentam grande potencial econômico. Destacam-se aquelas cultivadas para a alimentação, como é o caso da batata

(*Solanum tuberosum* L.), tomate (*Solanum lycopersicum* L.), berinjela (*Solanum melongena* L.), Jiló (*Solanum aethiopicum* L.), pimenta malagueta (*Capsicum frutescens* L.); mas também apresentam espécies utilizadas na ornamentação, como é o caso de espécies dos gêneros *Brunfelsia* L., *Petunia* Juss. e *Solandra* Sw.; e espécies que são fonte de drogas farmacologicamente ativas, como é o caso de *Atropa beladonna* L., *Hyoscyamus niger* L. e *Mandragora officinarum* L., que atuam principalmente no sistema nervoso central. A família também apresenta espécies que possuem propriedades narcóticas e alucinógenas, a exemplo de *Nicotiana tabacum* L. (AGRA & BHATTACHARYYA, 1999).

Com relação à importância ecológica, apresentam diferentes estratégias de dispersão, o que contribui para que as espécies sejam amplamente distribuídas, além de muitas serem pioneiras e colonizadoras de áreas antropizadas; entre as espécies de frutos carnosos, os morcegos e as aves, são os principais dispersores deste grupo (ALBUQUERQUE, 2001).

No Brasil, são conhecidos 34 gêneros com cerca de 500 espécies, das quais 237 são endêmicas. A Região Sudeste concentra a maior riqueza (283 spp.), seguida das Regiões Sul (211 spp.), Nordeste (189 spp.), Norte (158 spp.) e Centro-Oeste (127 spp.). Para a Região Nordeste do Brasil, até o presente momento, foram compilados 21 gêneros e 189 espécies, com 21 espécies endêmicas, pertencentes aos gêneros *Solanum* (16 spp.), *Capsicum* (duas spp.), *Brunfelsia*, *Lycium* e *Schwenckia* com uma espécie cada (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

No contexto histórico do Brasil, Solanaceae teve suas primeiras informações descritas na *Flora Fluminensis* (Vellozo, 1829-1831) e em seguida um tratamento mais completo da família na *Flora Brasiliensis* (Sendtner, 1846).

Posteriormente, diversos trabalhos taxonômicos foram realizados contribuindo para o estudo do grupo, por meio de listas e floras locais e regionais, cuja grande maioria são trabalhos principalmente para as regiões Sul e Sudeste do Brasil, Stehmann & Mentz (2006), Soares & Mentz (2006) e Soares *et al.* (2007; 2011). Para a região Norte do país, temos os trabalhos de Nee (2007) e Giacomini & Gomes (2018). Na região Nordeste, trabalhos como o de Agra (1999; 2006), Agra *et al.* (2009), Freitas & Agra (2000), Moraes *et al.* (2009) e Sampaio *et al.* (2019) vêm despertando uma atenção maior para esse grupo.

Em Pernambuco, estudos sobre Solanaceae se restringem apenas ao estudo da família para o município de Mirandiba (Agra, 2009), e citações em floras locais (Melo *et al.*, 2011 e Athiê-Souza *et al.*, 2019).

1.2 UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

O sistema nacional de unidades de conservação (SNUC) define uma Unidade de Conservação (UC) como um espaço territorial que apresenta recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, sendo organizadas em dois grupos: Unidades de Proteção Integral e Unidades de Uso Sustentável (BRASIL, 2011).

As Unidades de Proteção Integral possuem como finalidade a preservação da natureza, onde se é admitido apenas o uso indireto dos recursos naturais, apresentando como categorias: Estação Ecológica, Reserva Biológica, Parque Nacional, Refúgio de Vida Silvestre e Monumento Natural. Enquanto, as Unidades de Uso Sustentável, harmoniza a conservação da natureza juntamente com o uso sustentável de uma parte dos recursos naturais, existentes nestas áreas; sendo representada pelas seguintes categorias: Área de Proteção

Ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico, Floresta Nacional, Reserva Extrativista, Reserva de Fauna, Reserva de Desenvolvimento Sustentável e Reserva Particular do Patrimônio Cultural (BRASIL, 2011).

As Estações Ecológicas (ESEC's), como está caracterizada a área de estudo do presente trabalho, têm como objetivo principal a preservação da natureza e as realizações de pesquisas científicas, sendo esta, autorizada pelo órgão responsável de administração da unidade e sujeita às condições e restrições estabelecidas, onde podem ser permitidas alterações dos ecossistemas no caso de medidas que corroborem a restauração de ecossistemas modificados, como também o manejo de espécies com o fim de preservar a diversidade biológica e coleta de componentes dos ecossistemas com finalidades científicas (BRASIL, 2011).

1.3 O DOMÍNIO FITOGEOGRÁFICO DA MATA ATLÂNTICA

A Mata Atlântica é um dos 25 *hotspots* de biodiversidade do mundo. Uma grande porcentagem de seu território foi suprimido, porém, ainda assim, este domínio apresenta um quantitativo acima de 8.000 espécies endêmicas, entre plantas, anfíbios, aves, mamíferos e répteis (MYERS *et al.*, 2000). É um dos domínios com a maior riqueza em biodiversidade e endemismo, e ao mesmo tempo, um dos que apresentam mais ameaças em todo o mundo (RIBEIRO *et al.*, 2009). Fragmentos de Floresta Ombrófila, Floresta Estacional Semidecidual e Decidual, estão em risco de extinção devido aos grandes processos de ocupações de terras através da agricultura (CÂMARA, 2005).

Projetar a conservação de um domínio fitogeográfico como a Mata Atlântica e ao mesmo tempo organizar pedidos de pesquisas e proteção nesses

ambientes, torna-se um grande desafio. De acordo com Myers *et al.* (2000) e Galindo-Leal & Câmara (2003), alguns estados como Pernambuco apresenta menos de 5% da sua floresta original. No Nordeste, ocupa apenas cerca de 2% dos territórios dos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, sendo o estado da Bahia o maior representante de áreas remanescentes (TABARELLI *et al.*, 2006).

De acordo com Rambaldi & Oliveira (2003), o que resta de fragmentos para preservar a Mata Atlântica está em terras privadas. Um exemplo são as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN), que é uma categoria oficial de área protegida.

2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA, M. F. Diversity and distribution of *Solanum* subgenus *Leptostemonum* in Northeast of Brazil. In: NEE, M. et al. (Ed.). *Solanaceae IV. Advances in Biology and Utilization*. Kew: Royal Botanical Gardens. p. 197-203. 1999

_____. *Solanaceae*. In: BARBOSA, M. R. V. et al. (Org.). *Checklist das Angiospermas do Nordeste*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia. p. 146-148. 2006.

_____. *Solanaceae*. In: ALVES, M. et al. (Ed.). *Flora de Mirandiba*. Recife: Associação Plantas do Nordeste. 1ª ed. p. 339-344. 2009.

AGRA, M. F.; BHATTACHARYYA, J. Ethnomedicinal and phytochemical investigation on the *Solanum* species in the Northeast of Brazil. In: NEE, M. et al. (Ed.). *Solanaceae IV. Advances in Biology and Utilization*. Kew: Royal Botanical Gardens. p. 341-343. 1999.

AGRA, M. F.; NURIT-SILVA, K.; BERGER, L. R. Flora da Paraíba: *Solanum* L. (*Solanaceae*). Brasil. *Acta botanica brasílica* 23(3): 826-842, 2009.

ALBUQUERQUE, L. B. Polinização e dispersão de sementes em Solanáceas neotropicais. 2001. 203 f. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ATHIÊ-SOUZA, M. S. et al. Phanerogamic flora of the Catimbau National Park, Pernambuco, Brazil. *Biota Neotropica* 19(1): e20180622. 2019.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza: Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000; Decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002; Decreto nº 5.746, de 5 de abril de 2006. Plano Estratégico Nacional de Áreas Protegidas: Decreto nº 5.758, de 13 de abril de 2006. Brasília: MMA, 2011. 76 p.

CÂMARA, I. G. Breve história da conservação da Mata Atlântica. In: GALINDO-LEAL, C. & CÂMARA, I. G. (Eds.). *Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectivas*. Fundação SOS Mata Atlântica, São Paulo. p 31- 42. 2005.

FREITAS, P. F.; AGRA, M. F. *Solanaceae* dos Brejos da Paraíba, Brasil. In: 50º Congresso Nacional de Botânica. Blumenau, 1999, v. 1, p. 51, 1999.

GALINDO-LEAL, C.; CÂMARA, I. G. Atlantic forest hotspots status: an overview. In: GALINDO-LEAL, C.; CÂMARA, I. G. (Ed.). The Atlantic Forest of South America: biodiversity status, threats, and outlook. Center for Applied Biodiversity Science e Island Press, Washington, D.C. 2003. p. 3-11.

GIACOMIN, L. L.; GOMES, E. S. C. Flora das cangas da Serra dos Carajás, Pará, Brasil: Solanaceae. *Rodriguésia* 69(3): 1373-1396. 2018.

HUNZIKER, A.T. Genera Solanacearum, the genera of Solanaceae illustrated, arranged according to a new system. A.R.G. Gantner Verlag, Ruggell. 2001. 550p.

KNAPP, S. *Solanum* section *Geminata* (Solanaceae). *Flora Neotropica*. 84: 1-404. 2002.

MELO, A. et al. Updated Floristic Inventory of the Angiosperms of the Usina São José (USJ), Igarassu, Pernambuco, Brazil. *Revista Nordestina de Biologia*, v. 20, n. 2, p. 3-26, 2011.

MORAES, A. O. et al. A família Solanaceae nos “Inselbergues” do semi-árido da Bahia, Brasil. *Iheringia, Sér. Bot. Porto Alegre*, v. 64, n. 2, p. 109-122, 2009.

MYERS, N. et al. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature* v. 403: 853-858, 2000.

NEE, M. Flora da Reserva Ducke, Amazonas, Brasil: Solanaceae. *Rodriguésia* 58 (3): 695-702, 2007.

OLMSTEAD, R. G. R. et al. Phylogeny and provisional classification of the Solanaceae based on chloroplast DNA. In: M. Nee & D.E. Symon (eds.). *Solanaceae IV: advances in biology and utilization*. Kew, Royal Botanic Gardens. 1999. p. 111-138.

RAMBALDI, D. M.; OLIVEIRA D. A. S. Fragmentação de ecossistemas: causas, efeitos sobre a biodiversidade e recomendações de políticas públicas. Ministério do Meio Ambiente, Brasília. 2003.

RIBEIRO, M. C. et al. The Brazilian Atlantic Forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. *Biological Conservation*, v.142, n.6, p.1141-1153. 2009.

SAMPAIO, V. S. et al. Flora do Ceará, Brasil: *Solanum* (Solanaceae). *Rodriguésia* 70: e02512017. 2019

SENDTNER, O. Solanaceae et Cestrinneae. In: Von Martius, C.F.P. (Ed.). *Flora Brasiliensis* 6 (10): 1-338, 1846.

SOARES, E. L. C.; MENTZ, L. A. As espécies de *Solanum* subgênero *Bassovia* seção *Pachyphylla* (= *Cyphomandra* Mart. ex Sendtn. - Solanaceae) no Rio Grande do Sul, Brasil. *Pesquisas Botânica* 57: 231-254, 2006.

SOARES, E. L. C.; VIGNOLI-SILVA, M.; MENTZ, L. A. O gênero *Cestrum* (Solanaceae) no Rio Grande do Sul, Brasil. *Pesquisas Botânica*, v. 58, p. 263-282, 2007.

SOARES, E. L. C.; VIGNOLI-SILVA, M.; MENTZ, L. A. Sinopse taxonômica e chave ilustrada dos gêneros de Solanaceae ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil. *Acta Botanica Brasilica* 25 (2): 346-362, 2011

SOLANACEAE in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:
<<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB7021>>. Acesso em 15 ago. 2020.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. *Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias brasileiras de fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG III*. 3. ed. Plantarum. São Paulo. 2012. 768 p.

STEHMANN, J. R.; MENTZ, L. A. Riqueza e endemismo de Solanaceae na Região Sul do Brasil. In: MARIATH, J. E. A.; SANTOS, R. P. (Org.). *Os avanços da Botânica no início do século XXI: morfologia, fisiologia, taxonomia e genética*. Porto Alegre, Sociedade Botânica do Brasil. 2006. p. 190-193.

TABARELLI, M.; MELO, M. D.; LIRA, O. C. Nordeste: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas: O Pacto Murici. 149-164, 2006. In: CAMPANILI, M.; PROCHNOW, M. (Org.). *Mata Atlântica: uma rede pela floresta*. São Paulo: Athalaia Gráfica e Editora Ltda.

VELLOZO, J.M.C. Flora Fluminensis. Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro. 5: 78-86, 1829-1831.

Manuscrito I: Flora da Estação Ecológica de Tapacurá, São Lourenço da Mata,

Pernambuco – Brasil: Solanaceae A. Juss.

A ser submetido ao periódico Hoehnea, Qualis B5
(manuscrito redigido nas normas do periódico Hoehnea)

**Flora da Estação Ecológica do Tapacurá, São Lourenço da Mata, Pernambuco –
Brasil: Solanaceae Juss.**

Deibson Pereira Belo¹ & Maria Teresa Buri¹

1. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Departamento de Biologia. Área de Botânica. Laboratório de Sistemática Integrativa. deibson.belo@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho consiste no tratamento taxonômico das espécies de Solanaceae ocorrentes na Estação Ecológica do Tapacurá, situada no município de São Lourenço da Mata, Pernambuco, Brasil. Para isto, foram realizadas expedições de campo entre os meses de setembro de 2019 a março de 2020, além de consultas aos principais herbários da região. Foram reconhecidas 25 espécies distribuídas entre os gêneros *Brunfelsia* (1 sp.), *Cestrum* (2 spp.), *Datura* (1 sp.), *Dyssochroma* (1 sp.), *Physalis* (3 spp.), *Schwenckia* (2 spp.), *Solandra* (1 sp.) e *Solanum* (14 sp.). *Physalis peruviana*, *Solanum jussiaei* e *Solanum rugosum* se configuram como novos registros para Pernambuco. São apresentadas chaves de identificação para os gêneros de Solanaceae ocorrentes na ESEC Tapacurá e de identificação para as espécies abordadas neste tratamento, além de descrições, comentários taxonômicos e de distribuição e fotografias.

Palavras-chave: florística, morfologia, *Solanum*, taxonomia.

Abstract

The present work consists of the taxonomic treatment of Solanaceae occurring at the Estação Ecológica do Tapacurá, located in the municipality of São Lourenço da Mata, Pernambuco, Brazil. For this, field expeditions were carried out between the months of

September 2019 and March 2020, in addition to consultations with the main herbaria in the region. The occurrence of these species is discussed. 25 species distributed among the genera *Brunfelsia* (1 sp), *Cestrum* (2 spp), *Datura* (1 sp), *Dyssochroma* (1 sp), *Physalis* (3 spp), *Schwenckia* (2 spp), *Solandra* (1 sp) and *Solanum* (14 sp). *Physalis peruviana*, *Solanum jussiaei* and *Solanum rugosum* are configured as new records to Pernambuco state. Identification keys for the genera of Solanaceae occurring in the ESEC Tapacurá, morphological descriptions, taxonomic and distribution comments and photographs are provided.

Key words: floristic, morphology, *Solanum*, taxonomy.

Introdução

A família Solanaceae A. L. Jussieu. está inserida na ordem Solanales, é constituída por 106 gêneros (Olmstead *et al.* 1999) e cerca de 2.300 espécies, com distribuição cosmopolita, porém, a América do Sul comporta um dos seus principais centros de diversidade e endemismo (Hunziker 2001). Solanaceae está organizada em seis subfamílias: Cestroideae Schltld., Juanulloideae (Hunz.) Hunz., Solanoideae Schltld., Salpiglossoideae (Benth.) Hunz., Schizanthoideae (Miers) Hunz. e Anthocercidoideae (G. Don) Tétényi (Hunziker 2001).

No Brasil são conhecidos 34 gêneros com cerca de 500 espécies, das quais 231 espécies são endêmicas. A Região Sudeste do Brasil concentra a maior riqueza (273 spp.), seguida das Regiões Sul (205 spp.), Nordeste (185 spp.), Norte (155 spp.) e Centro-Oeste (121 spp.) (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

É representada por arbustos, árvores, ervas escandentes e epífitas. Apresenta filotaxia alterna, limbo foliar composto ou simples, com estípulas ausentes, margens inteiras ou lobadas, glabras, pubescentes até tomentosas, e com uma grande diversidade de

tricomas, podendo apresentar tricomas simples, estrelados e glandulares, principalmente em espécies do gênero *Solanum* L. Possui flores vistosas, variando de pequenas a grandes, pentâmeras, actinomorfas ou zigomorfas, diclamídeas, solitárias ou em diferentes tipos de inflorescências, cálice gamossépalo, o qual pode ser acrescente ao fruto, corola gamopétala. Os frutos podem ser do tipo baga, drupa ou cápsula (Hunziker 2001; Knapp 2002; Souza & Lorenzi 2012).

Solanaceae apresenta espécies com um grande potencial econômico. Diversas espécies são cultivadas para a alimentação, como é o caso de espécies dos gêneros *Solanum* L. (batata – *Solanum tuberosum* L., tomate – *Solanum lycopersicum* L. e a berinjela – *Solanum melongena* L.), *Capsicum* L. (pimenta malagueta – *Capsicum frutescens* L.), além de apresentar espécies ornamentais, como é o caso de espécies do gênero *Brunfelsia* L., *Petunia* Juss. e *Solandra* Sw. e espécies que apresentam uma grande fonte de drogas farmacologicamente ativas, como é o caso de *Atropa beladonna* L., *Hyoscyamus niger* L., *Mandragora officinarum* L., dentre outras, que atuam principalmente no sistema nervoso central. A família também apresenta espécies que possuem propriedades narcóticas e alucinógenas como, por exemplo, *Nicotiana tabacum* L. (Agra & Bhattacharyya 1999).

A família dispõe diferentes estratégias de dispersão das espécies, o que contribui para que as elas sejam amplamente distribuídas, além de muitas espécies serem pioneiras e colonizadoras de áreas antropizadas (Albuquerque 2001). Os morcegos e as aves são os principais dispersores deste grupo.

O conhecimento sobre Solanaceae em Pernambuco ainda é incipiente, apresentando diversas lacunas principalmente ligadas ao que diz respeito à sua distribuição, diversidade taxonômica e ecológica. Atualmente, os estudos direcionados à família limitam-se a um estudo da família para o município de Mirandiba (Agra 2009) e citações em floras locais (Athiê-Souza *et al.* 2019; Melo *et al.* 2011).

Este trabalho se apresenta como uma contribuição para uma série de monografias sobre a diversidade da flora fanerogâmica na ESEC do Tapacurá.

Material e Métodos

Área de Estudo

A ESEC Tapacurá está localizada no município de São Lourenço da Mata, PE. É um dos campi pertencentes à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), e ocupa uma área com cerca de 776 hectares, abrangendo a barragem e o represamento do Rio Tapacurá, dos quais cerca de 382 ha representam fragmentos de três matas, a Mata do Toró, a Mata do Camocim e a Mata do Alto da Buchada, situados entre as coordenadas 08°04' S e 35°12' W, com altitudes variando de 150 a 341m. A estação ecológica é um remanescente da Floresta Atlântica Semidecidual de Pernambuco que é protegida, apesar da intensa monocultura de cana-de-açúcar nas áreas do entorno da estação. (Coelho 1979; FIDEM 1987; Azevedo Júnior 1990).

Levantamento de Dados

As coletas foram realizadas no período de setembro de 2019 a março de 2020, seguindo a metodologia de Mori *et al.* (1985), e todo material coletado foi herborizado e incorporado ao Herbário Vasconcelos Sobrinho (PEUFR). Foram consultados os acervos dos herbários HST (Herbário Sérgio Tavares, não indexado), HUEFS, IPA, PEUFR e UFP (THIERS, atualizado continuamente), além de consulta a plataforma *online Flora do Brasil 2020*. As identificações foram realizadas a partir de consulta à literatura especializada e tratamentos florísticos (Agra 2009; Agra *et al.* 2009; Carvalho 1978; Giacomini & Gomes 2018; Moraes *et al.* 2009; Sampaio *et al.* 2019; Soares *et al.* 2007; Soares *et al.* 2009; Soares *et al.* 2011; Sousa *et al.* 2004), além de comparação com material identificado por especialistas e espécimes *typus* disponíveis *online* (JSTOR 2016). As descrições seguem a terminologia proposta por Harris & Harris (2001). Os comentários de distribuição no

estado e na área de estudo seguem os dados disponibilizados nas etiquetas dos herbários e observações em campo, e no Brasil segue a Flora do Brasil (Solanaceae in Flora do Brasil 2020). Foram utilizados materiais adicionais para as espécies ocorrentes na ESEC do Tapacurá que não apresentaram órgãos reprodutivos.

Resultados

Através das expedições de campo, análises das exsiccatas depositadas nos herbários visitados e da consulta a plataforma *online Flora do Brasil 2020*, foram registradas na Estação Ecológica de Tapacurá 29 espécies de Solanaceae distribuídas em nove gêneros. Das quais, quatro são espécies cultivadas e 25 espécies nativas, distribuídas da seguinte forma: 16 espécies são do gênero *Solanum* L., sendo duas cultivadas – *S. lycopersicum* L. e *S. tuberosum* L.; três espécies de *Physalis* L.; duas espécies de *Capsicum* L., todas cultivadas – *Capsicum annum* L. e *C. frutescens* L.; duas espécies de *Cestrum* L.; duas espécies de *Schwenckia* L. e uma espécie para os gêneros *Brunfelsia* L., *Datura* L., *Dyssochroma* Miers e *Solandra* Sw. Para o tratamento taxonômico as espécies cultivadas não foram incluídas.

São apresentados três novos registros para o estado de Pernambuco, *Physalis peruviana* L., *Solanum jussiaei* Dunal e *Solanum rugosum* Dunal. Além de duas novas ocorrências para o domínio da Mata Atlântica – *Datura metel* L., que apresentava ocorrência apenas no domínio da Caatinga, sendo este o primeiro registro para a Mata Atlântica brasileira e *Solanum rhytidoandrum* Sendtn., que até então, era encontrada apenas nos domínios Amazônia, Caatinga e Cerrado.

Chave de identificação dos gêneros de Solanaceae ocorrentes na ESEC

Tapacurá, São Lourenço da Mata, Brasil

- 1. Plantas epífitas 2
 - 2. Corola infundibuliforme, verde, fauce interna com estrias ausentes **4. *Dyssochroma***
 - 2'. Corola campanulada, amarelo-esverdeada, fauce interna com estrias arroxeadas **7. *Solandra***
- 1'. Ervas, arbustos, subarbustos, lianas, arvoretas a árvores 3
 - 3. Corola rotada, rotada-campanulada ou estrelada 4
 - 4. Anteras com deiscência longitudinal **5. *Physalis***
 - 4'. Anteras com deiscência poricida **8. *Solanum***
 - 3'. Corola infundibuliforme, hipocrateriforme, tubulosa, tubulosa-infundibuliforme a tubulosa-hipocrateriforme 5
 - 5. Flores solitárias 6
 - 6. Corola azul e/ou lilás, fruto baga **1. *Brunfelsia***
 - 6'. Corola branca com ápice lilás, fruto cápsula espinhosa **3. *Datura***
 - 5'. Flores agrupadas em inflorescências 7
 - 7. Flores com 5-estames, heterodínamos, deiscência longitudinal, fruto baga **2. *Cestrum***

7'. Flores com 2-estames e 3-estaminódios, didínamo, deiscência rimosa, fruto cápsula **6. *Schwenckia***

1. *Brunfelsia* L.

1.1. *Brunfelsia uniflora* (Pohl) D. Don, Edinburgh New Philos. J. 7: 85. 1829. Fig. 1a-b. Fig. 3a.

Arbusto, ca. 3 m alt.; ramos glabros a glabrescentes com estrias, inermes. Folhas simples, inteiras, 1,8–12 x 1–5 cm, elíptica a lanceolada, margem inteira, base aguda, atenuada a arredondada, ápice agudo a acuminado, glabras sem ambas as faces, pseudoestípulas ausentes; pecíolo 0,2–0,6 cm compr., glabro a glabrescente. Flor solitária; pedúnculo 0,7 cm compr., glabro; pedicelo 0,5 cm compr., glabro. Sépalas subiguais ca. 1 x 1 cm compr., glabras. Corola hipocrateriforme, lilás, ca. 1,7 diâm., glabra, filetes 1,2 cm compr., anteras 0,1–0,2 cm compr., deiscência longitudinal, estaminódios ausentes, estilete 1,4 cm compr., estigma 0,4 cm compr. Fruto baga 1–1,2 cm diâm., glabro, globoso.

Material examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 3.II.2020, fl. e fr., *D. P. Belo et al. 48* (PEUFR); 25.XI.2006, fl., *L. Primo s.n.* (UFP 44540); 13.I.2004, fl., *M. S. Sobrinho 460* (UFP); 13.VI.2001, fr., *K. Almeida 144* (IPA); 4.IX.2001, fr., *K. Almeida et al. 191* (PEUFR) 19.XII.2000, fl., *E. S. Silva et al. 48* (PEUFR); 6.VIII.1936, fr., *B. Pickel 4186* (IPA).

Distribuição: Ocorre em 14 estados do Brasil, na região Centro-Oeste (Goiás), região Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte), Norte (Roraima), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná e Santa Catarina), sendo representada nos domínios Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce e frutifica nos meses de janeiro, fevereiro, junho, setembro, novembro e dezembro.

Comentários Taxonômicos: É a única espécie do gênero ocorrente na área de estudo e diferenciada dos demais gêneros, por apresentar hábito do tipo arvoreta e corola hipocrateriforme.

2. *Cestrum* L.

Gênero representado por arbustos e árvores, inermes, ramos lisos ou estriados, glabros a pubescentes, com tricomas simples. Folhas alternas, simples, elípticas a elíptico-lanceoladas, oblongas ou lanceoladas, margem inteira, sinuosa ou lobada, com pseudoestípulas presentes ou ausentes. Inflorescências cimosas, panícula ou fasciculiforme. Flores actinomorfas, pentâmeras, pediceladas. Cálice tubuloso, sépalas triangulares a elípticas. Corola tubulosa-infundibuliforme a tubulosa-hipocrateriforme, branca a esverdeada, creme a creme-esverdeada. Estames (5) heterodínamos, anteras amarelas, deiscência longitudinal, estaminódios ausentes. Fruto baga.

Chave de identificação das espécies de *Cestrum*

1. Arbustos a árvores; ramos lisos, glabros a glabrescentes; folhas elípticas, oblongas a elíptico-lanceoladas, margem sinuosa, pseudoestípulas presentes; inflorescência panícula

..... **2.1. *Cestrum axillare***

1'. Arbusto; ramos estriados, glabros a pubescentes; folhas elípticas a lanceoladas, margem inteira, pseudoestípulas ausentes; inflorescência fasciculiforme

..... **2.2. *Cestrum gardneri***

2.1. *Cestrum axillare* Vell., Fl. Flumin. 3: t. 6. 1827.

Arbustos a árvores de até 8 m; ramos lisos, inermes, glabros a glabrescentes, tricomas simples. Folhas simples, inteiras, 4,5–15 x 1,5–3 cm, elípticas, oblongas a elíptico-lanceoladas, margem sinuosa, base obtusa a cuneada, ápice agudo a acuminado, glabras a glabrescentes em ambas as faces, apresenta nervuras proeminentes com coloração clara na face abaxial, pseudoestípulas presentes, elípticas a ovais, curto-pecioladas; pecíolo 0,5–1,8 cm compr., glabro. Inflorescência cimeira, panícula 3–10-flora; pedúnculo 0,5–2,5 cm compr., indumento glabro a glabrescente; pedicelo ca. 0,1 cm compr., glabro a glabrescente. Sépalas subiguais ca. 0,3–0,8 cm compr., pubescentes, raramente glabras. Corola tubulosa-infundibuliforme a tubulosa-hipocrateriforme, branca a esverdeada, creme ou amarelo-esverdeada, ca. 1,5–2 x 0,2–0,4 cm compr., glabra, filetes 0,3–0,5 cm compr., glabros a pubescentes, anteras 0,15–0,2 cm compr., estilete 1,3–1,7 cm compr. Fruto baga 0,5–1,3 cm diâm., glabro a glabrescente.

Material examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 9.I.2002, fl., *K. Almeida et al 230* (PEUFR).

Material adicional examinado: Pernambuco – Brejo da Madre de Deus, Mata do Malhada, 25.XI.1998, fl. e fr., *L. M. Nascimento et al. 107* (PEUFR). Cortês, 6.X.1972, fl. e fr., *Andrade-Lima 7038* (IPA). Lagoa do Ouro, Reserva Biológica Federal da Pedra Talhada, 26.XI.2014, fl. e fr., *L. Nusbaumer et al. 4431* (UFP). Maraial, Engenho Curtume, 2.I.1998, fl., *J. A. Siqueira-Filho 775* (IPA). Recife, bairro de Apipucos, 5.VI.2006, fl., *S. Schmidt et al. 38* (UFP). São Benedito do Sul, Mata Peri-Peri, 28.I.1999, fl. e fr., *M. F. A. Lucena et al. 709* (UFP).

Distribuição: No Brasil, ocorre em todas as regiões, com exceção dos estados Amapá, Pará, Piauí, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima e Tocantins, sendo representada nos domínios Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce em janeiro.

Comentários Taxonômicos: *C. axillare* pode ser identificada principalmente por suas folhas que apresentam nervuras proeminentes e de coloração clara na face abaxial, e a margem da sua folha geralmente sinuosa. Diferencia-se de *C. gardneri* principalmente pelo hábito e por apresentar pseudoestípulas.

2.2. *Cestrum gardneri* Sendtn., Fl. Bras. 10: 208. 1846. Fig. 1c. Fig. 3b-d.

Arbusto, ca. 2–3 m; ramos estriados, inermes, glabros, glabrescentes a pubescentes, tricomas simples. Folhas simples, inteiras, 2–9 x 1–3,8 cm, elípticas a lanceoladas, margem inteira, base cuneada a aguda, ápice agudo a acuminado, glabras, glabrescentes a pubescentes em ambas as faces, pseudoestípulas ausentes; pecíolo 0,4–0,7 cm compr., glabro, glabrescente a pubescente. Inflorescência cimeira, fasciculiforme; pedúnculo ca. 0,1 cm compr., indumento glabro a glabrescente; pedicelo 0,05 cm compr. Sépalas subiguais 0,3 x 0,4 cm, glabras. Corola tubulosa-infundibuliforme a tubulosa-hipocrateriforme, creme-esverdeada, ca. 0,2 – 0,4 cm diâm., glabra, filetes 0,4 – 0,5 cm compr., anteras ca. 0,05 cm compr., estilete 0,12 – 0,15 cm compr. Fruto baga 0,4–0,8 cm diâm., glabro.

Material examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 19.VIII.2005, fl., *L. Primo s.n.* (IPA 89216, UFP 44329); 15.VII.2004, fl., *M. Sobrinho* 604 (UFP).

Material adicional examinado: Pernambuco – Belo Jardim, Sítio Boa Vista do Pagão, 4.III.1998, fr., *C. Ferreira s/n* (IPA 89216). Recife, Dois Irmãos, 2.IX.1969, fl., *G. Mariz s.n.* (UFP 2063). Triunfo, Lagoa Nova, 27.III.1995, fl. e fr., *A. M. Miranda et al.* 2241 (HST).

Distribuição: É uma espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba e Pernambuco) e Sudeste (Minas Gerais e São Paulo), sendo representada nos domínios Caatinga e Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce e frutifica nos meses de julho e agosto.

Comentários Taxonômicos: Das duas espécies de *Cestrum* que ocorre na ESEC Tapacurá, *C. gardneri* se diferencia de *C. axillare* por não possuir pseudoestípulas e por apresentar estrias em seu caule e ramos, como também apresenta inflorescência do tipo cimeira fasciculiforme, enquanto *C. axillare* cimeira do tipo panícula.

3. *Datura* L.

3.1. *Datura metel* L., Sp. Pl. 1: 179. 1753. Fig. 1d. Fig. 3e-f.

Arbusto; ramos alados a cilíndricos, inermes, glabros. Folhas simples, inteiras, 7–12 x 4,5–8,5 cm, elíptica, margem inteira a sinuada, base atenuada, ápice agudo a acuminado, glabras em ambas as faces; pecíolo 2,5–5 cm compr., glabro. Flor solitária; pedúnculo 1,6–2 cm compr., glabro. Sépalas iguais 5,5–7 cm compr., soldadas até a porção mediana, ápice agudo a aristulado, reflexos, glabras. Corola infundibuliforme, branca com ápice lilás, ca. 13–17 cm compr., glabra, filete não observado, anteras não observadas, estilete não observado, estigma não observado. Fruto cápsula espinhosa, 2,5–4 cm diâm., glabro.

Material examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, VII.1926, fl., *B. Pickel* 1332 (IPA); 28.IV.1930, fl. *B. Pickel* 2365 (IPA). 16.IX.2019, fl. e fr., *D. P. Belo et al.* 60 (PEUFR).

Material adicional examinado: Pernambuco – Belém de São Francisco, Povoado de Ibó, 30.XI.2010, fl., *F. F. S. Silva 76* (HVASF). Cabrobó, Margens do canal, lote 1, 12.V.2010, fl., *D. Araújo 1597* (HVASF). Fazenda Nova, 27.II.1972, fl., *I. C. Leão 173* (UFP). Ibimirim, 28.IV.1992, fl., *M. Grillo s.n.* (PEUFR 15896); 8.VIII.1992, fl. e fr., *M. Grillo 64* (PEUFR). Recife, Mata do Curado, 4.X.1994, fl., *R. Pereira et al. s.n.* (IPA 56903); Jardim Botânico, 22.II.1995, fl., *R. Pereira et al. s.n.* (IPA 57904).

Distribuição: Em Pernambuco a ocorrência desta espécie era exclusiva para a Caatinga, sendo este o primeiro registro de *D. metel* para o domínio fitogeográfico da Mata Atlântica brasileira. Na região Nordeste do Brasil, ocorre em áreas de Caatinga nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco e Piauí (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce e frutifica nos meses de abril, julho e setembro.

Comentários Taxonômicos: Única espécie do gênero ocorrente na ESEC Tapacurá. A corola é vistosa e pode-se assemelhar as espécies *Dysochroma viridiflorum* ou *Solandra grandiflora*, porém, *D. metel* é uma espécie arbustiva diferentemente de *D. viridiflorum* e *S. grandiflora* que são epífitas lenhosas.

4. *Dysochroma* Miers

4.1. *Dysochroma viridiflorum* (Sims) Miers, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 2, 4 (22): 251. 1849. Fig. 3g.

Epífitas lenhosas; ramos inermes, glabros. Folhas simples, inteiras, 4,5–7 x 2–4 cm, elíptica a oblanceolada, oblonga, margem inteira, levemente sinuosa, base atenuada a cuneada, ápice agudo, cuspidado, arredondado, glabras em ambas as faces; pecíolo 0,8–1 cm compr., glabro. Flor solitária, axilar ou terminal; pedúnculo 1–2 cm compr., glabro.

Cálice campanulado, sépalas subiguais 1,5–3,5 x 0,5–1,3 cm, glabras a glabrescentes, raramente com tricomas unicelulares nas sépalas externas. Corola infundibuliforme, verde, 3,6–6 cm compr., glabra, filetes 7–9 cm compr., viloso, anteras 0,7 – 1 cm compr., estilete ca. 8 cm compr., estigma ca. 0,5 cm compr., clavado. Fruto baga 1,5–3 cm diâm., glabro.

Material examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 11.III.1936, fl., *B. Pickel 4128* (IPA).

Material adicional examinado: Pernambuco – Floresta, Serra do Periquito, 9.II.2017, fl., *V. M. Cotarelli 2717* (HUEFS). Garanhuns, Fazenda Serra Branca, 6.XI.2010. fl. e fr., *M. Oliveira et al. 5261* (IPA).

Distribuição: É uma espécie endêmica do Brasil. Na região Nordeste ocorre apenas nos estados da Bahia, Ceará e Pernambuco, no Sudeste ocorre em todos os estados (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), e na região Sul ocorre apenas no estado do Paraná. Sendo uma espécie restrita ao domínio Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce em março.

Comentários Taxonômicos: É facilmente de ser identificada pela coloração de sua corola – verde, com os lobos compridos e que após a antese, eles se enrolam, tornando os estamos exsertos. Diferencia da espécie *Solandra grandiflora*, que também é uma epífita lenhosa, por apresentar a corola infundibuliforme, enquanto a corola de *S. grandiflora* é campanulada.

5. *Physalis* L.

Ervas a arbustos, com até 1 m alt., ramos inermes, glabros a densamente velutinos, angulosos, sulcados, possivelmente com tricomas simples e glandulares. Folhas simples, alternas, ovada-elípticas, oblonga, deltoide a assimétrica, com margem inteira, sinuosa, denteada a lobada, base aguda, oblíqua, obtusa truncada, subcordada a assimétrica, ápice agudo a acuminado, glabras, glabrescentes, pubescentes, densamente velutinas a raramente hirsutas; pecíolos glabros a densamente velutino, hirsuto. Flores pentâmeras, solitárias, axilares; pedúnculos glabrescentes, pubescente a velutino. Cálice campanulado, glabro a densamente velutino. Corola rotada-campanulada, raramente pubescente na margem com tricomas simples, coloração amarela com máculas em tons lilás ou marrom; estames (5), homodínamos sendo raramente desiguais, epipétalos, estaminódios ausentes; anteras com coloração azul a cinza, deiscência longitudinal, filetes eretos. Ovário subgloboso, estilete ereto, estigma capitado ou clavado. Fruto baga globosa, com cálice frutífero acrescentado.

Chave de identificação das espécies de *Physalis*

1. Ervas; ramos glabros, glabrescentes a pubescentes; folhas com margem denteada a sinuosa ou lobada 2
 2. Ramos glabros a glabrescentes, raro a presença de tricomas simples; folhas ovado-elípticas a oblongas, margem sinuosa **5.1. *Physalis angulata***
 - 2'. Ramos pubescentes, tricomas simples e glandulares; folhas deltoides a assimétricas, margem denteada ou lobada **5.2. *Physalis pubescens***
- 1'. Arbustos; ramos densamente velutinos, tricomas simples; folhas com margem inteira **5.3. *Physalis peruviana***

5.1. *Physalis angulata* L., Sp. Pl. 1: 183. 1753. Fig. 1e-f. Fig. 3h-i.

Erva, 0,40–0,70 m alt.; ramos sulcados, inermes, glabros a glabrescentes, raramente com tricomas simples esparsos. Folhas simples, inteiras, 2–7,5 x 1,2–3,7 cm compr., ovada-elípticas a oblonga, margem levemente sinuosa, base aguda, oblíqua a assimétrica, ápice agudo a acuminado, glabras a glabrescentes em ambas as faces, raramente com tricomas simples esparsos; pecíolo 0,5–3 cm compr., puberulento. Flor solitária; pedúnculo 0,6–1,5 cm compr., puberulento. Sépalas subiguais 0,2–0,5 cm compr., glabras. Corola rotada-campanulada, amarela a amarelo-esverdeada, presença de máculas marrons na fauce, 0,4–0,8 cm compr., filetes 0,2–0,4 cm compr., glabros, anteras azuis a azul-acinzentadas ca. 0,2 cm compr., estilete 0,3–0,5 cm compr., glabro, estigma ca. 0,05 cm compr. Fruto baga, 1–1,4 cm diâm., glabro.

Material examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 28.VIII.1933, fl., *B. Pickel 3341* (IPA).

Material adicional examinado: Pernambuco – Águas Belas, Aldeia sede, 22.IX.2007, fl., *G. T. Soldati et al 245* (PEUFR, IPA). Arcoverde, 17.X.1995, fl. e fr., *A. M. Miranda et al. 2260* (HST). Igarassu, Usina São José, 18.XII.2009, fl. e fr., *E. Pessoa et al. 233* (UFP); Usina São José, 1.XII.2011, fl. e fr., *V. S. Sampaio 46* (UFP). Maraial, Engenho Perseverança, 16.II.1966, fl., *E. P. Guedes 46* (HST). Paulista, Estação Ecológica Caetés, 6.IV.2016, fl., *G. O. Lima 64* (PEUFR). Recife, Campus da UFPE, Riacho do Cavouco, próximo ao ITEP, 13.IX.2006, fl. e fr., *M. Sobral Leite 145* (IPA); Campus da UFPE, 30.IV.1997, fl., *L. P. Félix s.n.* (UFP 18109); Campus da UFPE, 1.X.1997, fl. e fr., *J. R. Lemos 19* (PEUFR).

Distribuição: Apresenta uma ampla distribuição geográfica (D'Arcy 1973), ocorrendo em toda a América, como também, em regiões tropicais do velho mundo (Nee, 1986). A

espécie ocorre na maioria dos estados brasileiros, com exceção de Roraima, Sergipe e Tocantins, sendo representada nos domínios fitogeográficos Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce em agosto.

Comentários taxonômicos: A espécie *P. angulata* é reconhecida pelo seu hábito herbáceo, apresentando o ramo de glabro a glabrescente, e as anteras apresentarem coloração azul a azul-acinzentada. Se diferencia das demais espécies, por ser completamente glabra e apresentar a forma do limbo foliar ovada-elíptica a oblonga. De acordo com Kissmann & Groth (2000), também apresenta comportamento ruderal.

5.2. *Physalis peruviana* L. Sp. Pl. (ed. 2) 2:1670-1671. 1763.

Arbusto, 0,50 m alt.; ramos sulcados, inermes, densamente velutinos, raro hirsutos a glabrescentes, tricomas simples. Folhas simples, inermes, inteiras, 1,1–4,4 x 0,6–2,6 cm, deltoide, margem inteira, base subcordada, ápice agudo a acuminado, densamente velutinas a hirsutas em ambas as faces, com tricomas simples; pecíolo 1,2–2,4 cm compr., velutino, glabrescente a hirsuto. Flor solitária; pedúnculo 0,4–0,6 cm compr., glabrescente, velutino a hirsuto. Sépalas subiguais 0,4 x 0,1 cm, soldadas até a porção mediana, velutinas. Corola rotada-campanulada 0,5–1 cm compr., filetes não observados, anteras não observadas, estilete não observado, estigma não observado. Fruto não observado.

Material examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 14.VIII.1924, fl., *B. Pickel 813* (SP).

Material adicional examinado: Ceará – Russas, 17.IX.1936, fl., *F. Drouet 2475* (SP). Paraná – Curitiba, Tunas do Paraná, 15.XII.1998, fl., *J. M. Cruz et al. 40* (MBM); Paula Freitas, Carazinho, 17.I.2006, fl., *J. M. Ribas* (MBM). Santa Catarina – Ibirama, Posto Duque de Caxias, 22.V.1956, fl., *R. M. Klein 2030* (NYBG).

Distribuição: Segundo Soares et al. (2009), a espécie pode ter sido originária do Peru. No Brasil, a espécie até o presente momento apresentava apenas registros para a Mata Atlântica das regiões Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina), sendo este o primeiro registro para a Mata Atlântica do estado de Pernambuco (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce em agosto.

Comentários Taxonômicos: De acordo com Soares et al. (2009), *P. peruviana* pode ser uma espécie cultivada. É facilmente de ser reconhecida pela sua característica arbustiva, e apresentar indumento densamente velutino a hirsuto e tricomas simples nos ramos, folhas, flores e frutos, caracterizando um aspecto aveludado.

5.3. *Physalis pubescens* L., Sp. Pl. 1: 183. 1753.

Erva, 0,5–1 m alt.; ramos sulcados, inermes, pubescentes, tricomas simples e glandulares. Folhas simples, inteiras, 1,6–6,5 x 1,4–3,5 cm, deltoide, assimétrica, margem denteada a lobada, base obtusa, truncada a subcordada, ápice agudo a acuminado, pubescentes, velutinas a hirsutas em ambas as faces, com tricomas simples e glandulares; pecíolo 1–3 cm compr., pubescente. Flor solitária; pedúnculo 0,4–1 cm compr., pubescente. Sépala subiguais 0,2–0,5 cm compr., soldadas até a porção mediana, ápice agudo, pubescentes. Corola rotada-campanulada, amarela a creme, presença de máculas com coloração lilás-marrom na fauce, 0,4–1 cm compr., pubescentes nas margens, filetes ca. 0,4 cm compr., glabros, anteras ca. 0,1–0,2 cm compr., estilete 0,5–0,6 cm compr., glabro, estigma ca. 0,08 cm compr. Fruto baga, 1–1,5 cm diâm., glabrescente a pubescente, com cálice acrescente ao fruto.

Material examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 14.VIII.1924, fl., *B. Pickel 813* (IPA); VIII.1829, fl., *B. Pickel 2041* (IPA).

Material adicional examinado: Pernambuco – Bezerros, Distrito de Sapucarana, Serra da Camaratuba, 31.VII.2005, fl., *P. Gomes et al. 113* (UFP). Cabo de Santo Agostinho, Pedra do Cayango, 25.VI.2008, fl., *M. Sobral-Leite et al. 835* (IPA, UFP). Jaqueira, Serra do Urubu, 1.IV.2012, fl. e fr., *V. S. Sampaio et al. 74* (UFP, JPB, BHCB). Maraial, Serra do Urubu, 20.IV.1994, fl. e fr., *A. M. Miranda et al. 1578* (HST). Petrolândia, Mundo Novo, 23.III.2004, fl., *K. A. Silva 419* (PEUFR). Recife, 16.IV.1997, fl., *A. C. Pedrosa s.n.* (UFP 21277).

Distribuição: Ocorre nas Américas Central e do Sul e na região leste dos Estados Unidos (Nee 1986). No Brasil, a espécie ocorre na maioria dos estados, com exceção de Amapá, Maranhão, Pará, Piauí, Rio Grande do Norte, Roraima e Sergipe, sendo representada nos domínios fitogeográficos Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce em agosto.

Comentários taxonômicos: De acordo com Hunziker (2001), os frutos de *P. pubescens* são comestíveis. Se diferencia das demais espécies do gênero, por apresentar a margem do limbo foliar geralmente denteada a lobada e apresentando indumento pubescente em quase toda a planta.

6. *Schwenckia* L.

Ervas a subarbustos; ramos estriados, inermes, pubescentes, tricomas simples. Folhas alternas, simples, lanceoladas, oval-lanceoladas a raramente subcordadas. Inflorescência em panícula e racemo, glabrescente a pubescente. Flores estaminadas, zigomorfas, pedicelada. Cálice gamossépalo, tubuloso. Corola gamopétala, tubulosa, amarela,

esverdeada ou lilás. Estames (2) e estaminódios (3), didínamo, deiscência rimosa, estigma capitado a subcapitado. Fruto cápsula.

Chave de Identificação das espécies de *Schwenckia*

1. Ervas; folhas lanceoladas, margem sinuosa; inflorescência panícula 10–20 cm compr., corola lilás **6.1. *Schwenckia americana***

1'. Subarbustos; folhas oval-lanceoladas a raramente subcordadas, margem inteira; inflorescência racemosa 5–8 cm compr., corola amarela a esverdeada
..... **6.2. *Schwenckia mollissima***

6.1 *Schwenckia americana* L., Gen. Pl. (ed. 6) 577. 1764.

Erva, 0,3–0,5 m alt.; ramos estriados, inermes, pubescentes, tricomas simples. Folhas simples, inteiras, 1,4–3 x 0,5–0,7 cm, lanceoladas, margem sinuosa, base atenuada, ápice agudo, pubescentes em ambas as faces, com tricomas simples; pecíolo 0,2–0,4 cm compr., pubescente. Inflorescência panícula, 10–20 cm compr.; pedúnculo 1,7–3 cm compr., glabro a glabrescente; pedicelo 0,2–0,4 cm compr., glabro a glabrescente. Cálice tubuloso, lobos 0,3–0,5 cm compr. Corola lilás, tubulosa 0,6–1 x 0,1–0,2 cm compr., glabro, estames 2, filetes 0,8–0,9 cm compr., estaminódios-3 ca. 0,5 cm compr., anteras ca. 0,1 cm compr., deiscência rimosa, estilete 0,1–0,15 cm compr., estigma ca. 0,35 cm Fruto cápsula 0,2–0,4 cm diâm., glabro.

Material Examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, VII.1928, fl., *B. Pickel* 1892 (IPA).

Material adicional examinado: Pernambuco – Buíque, Parque Nacional do Catimbau, Serra do Catimbau, 20.IX.1997, fl. e fr., *A. M. Miranda* 2826 (HST). Cabo de Santo Agostinho, Distrito de Ponte dos Carvalhos/Praia do Paiva, 7.IV.1998, fl., *A. Sacramento*

329 (PEUFR); Entre os Engenhos Megahype e Cayango, Pedra do Cayango, 25.VI.2008, fl., *M. Sobral-Leite et al.* 845 (UFP). Goiana, Fazenda Tabatinga, 4.III.2010, fl. e fr., *D. Cavalcanti et al.* 162 (UFP). Igarassu, Usina São José, 30.V.2007, fl., *A. Alves-Araújo et al.* 345 (IPA).

Distribuição: *Schwenckia americana* é a espécie do gênero que apresenta uma ampla distribuição nas Américas, ocorrendo desde o Sul da América do Norte até a Argentina, como também ocorre no leste da África (Carvalho, 1978; Hunziker, 2001). Ocorre em quase todos os estados brasileiros, com exceção do Rio Grande do Sul, Roraima e Santa Catarina, sendo representada nos domínios Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce em julho.

Comentários Taxonômicos: É uma espécie que pode ser reconhecida facilmente pelo seu pequeno porte e sua corola do tipo tubulosa bastante reduzida.

6.2 *Schwenckia mollissima* Nees & Mart., Nov. Actorum Acad. Caes. Leop.-Carol. Nat. Cur. 11: 47. 1823.

Subarbusto, 0,5–0,8 m alt.; caule e ramos cilíndricos, inermes, levemente estriados, pubescentes, tricomas simples. Folhas simples, inteiras, 2,5–7 x 1,5–3,5 cm, oval-lanceoladas a raramente subcordadas, margem inteira, base subcordada, ápice agudo a acuminado, pubescentes a glabrescentes em ambas as faces, com tricomas simples; pecíolo 0,8–3 cm compr., pubescente. Inflorescência racemosa 5–8 cm compr.; pedúnculo ca. 1,5 cm compr., glabro a glabrescente; pedicelo 0,25–0,4 cm compr., glabro a glabrescente, brácteas, 0,6–2,4 x 0,5–1 cm compr. Cálice tubuloso, lobos 0,4–0,5 cm compr., pubescentes. Corola amarela a esverdeada, tubulosa, tubo 1,4–1,8 cm compr., glabro, estames 2, filetes ca. 0,9 cm compr., estaminódios-3, 0,5–0,7 cm compr., anteras 0,1–0,2

cm compr., deiscência rimosa, estilete 1–1,5 cm compr., estigma capitado, ca. 0,3 cm. Fruto cápsula 0,5–0,8 cm diâm., glabro.

Material Examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 5.IX.1935, fl., *B. Pickel 4020* (IPA).

Material adicional examinado: Pernambuco – Buíque, Estrada Carneiro-Brejo de São José, Pau-Ferro, 4.X.1983, fl., *G. Gallindo et al. s/n* (IPA 43385); PARNA Catimbau, Sítio Foz Nova, 19.X.2007, fl. e fr., *R. Pereira et al. 1026* (IPA). Exu, Fazenda Dourado, Chapada do Araripe, 10.VI.1992, fl., *R. Pereira et al. 724* (IPA). Recife, Sancho, 18.VI.1950, fl., Andrade-Lima 50514 (IPA); Curado, 7.IX.1958, fl. *A. Lima s/n* (PEUFR 1460).

Distribuição: *Schwenckia molissima* é uma espécie neotropical, e sua distribuição é restrita a América do Sul, sendo encontrada na Venezuela, Guiana e Brasil (Hunziker, 2001). Ocorre em quase todos os estados brasileiros, com exceção do Rio Grande do Sul, Roraima e Santa Catarina, sendo representada nos domínios Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce em setembro.

Comentários Taxonômicos: Pode ser confundida com a espécie *Schwenckia americana*, porém se distingue pelo seu tipo de hábito, porém, a coloração da corola diferencia de *S. americana*.

7. *Solandra* Sw.

7.1. *Solandra grandiflora* Sw., Kongl. Vetensk. Acad. Nya Handl. 8: 303-306, t. 11. 1787.

Fig. 3j.

Epífita lenhosa; ramos inermes, glabros. Folhas simples, inteiras, 5–6,2 x 2,1–2,7 cm, elíptica, margem inteira, base cuneada a atenuada, ápice agudo a acuminado, glabras em ambas as faces; pecíolo 0,7–2 cm compr., glabro. Flor solitária; pedúnculo ca. 0,6 cm compr., glabro. Sépalas subiguais 4 x 0,8 cm compr., glabras. Corola campanulada, amarelo-esverdeada, 9–10 cm compr., fauce interna com estrias arroxeadas, glabras, filetes ca. 7 cm compr., glabros, anteras ca. 0,8–1,3 cm compr., marrons, estilete 12 cm compr., glabro, estigma ca. 0,2 cm compr. Fruto não observado.

Material examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 13.V.1933, fl., *B. Pickel* 3272 (IPA, NYBG); 10.VII.1997, fl., *G. S. Baracho et al.* 488 (UFP).

Material adicional examinado: Pernambuco – São Benedito do Sul, margem da cachoeira, 12.III.2002, fl., *A. M. Miranda et al.* 3666 (HST).

Distribuição: *Solandra grandiflora* apresenta ampla distribuição nas Américas, No Brasil, a espécie ocorre nas regiões Nordeste (Bahia, Ceará e Pernambuco), Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e na região Sul (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina), todas as ocorrências em ambientes de Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce em julho.

Comentários Taxonômicos: É uma espécie bem reconhecida pelo seu hábito, podendo ser diferenciada da *Dyssochroma viridiflorum* que também é uma epífita lenhosa, em vários aspectos de sua morfologia flora, como exemplo a forma da corola.

8. *Solanum* L.

Gênero representado por ervas, arbustos, lianas ou árvores, são perenes ou anuais, ramos inermes ou aculeados, com ou sem pseudoestípulas, glabros, glabrescentes, tomentosos,

pubescentes, hirsutos, velutinos, pilosos ou escabros, com presença de tricomas simples, estrelados e glandulares. Folhas alternas, simples, inteiras, lobadas ou pinatífidas, inermes ou aculeadas. Inflorescência cimeira monocásio ou dicásio. Flores estaminadas, actinomorfas, pentâmeras. Cálice geralmente campanulado, sépalas-5. Corola estrelada, rotada, branca, lilás, verde, amarela ou creme; estames-5, geralmente iguais entre si, anteras oblongas a lanceoladas, amarelas, deiscência poricida. Fruto do tipo baga, globosa, ovoide ou elipsoide, glabro a hirsuto.

Chave de Identificação das espécies de *Solanum*

1. Plantas inermes 2
 2. Ervas ou Lianas 3
 3. Erva; ramos lisos, glabros a pubescentes, folhas elípticas a lanceoladas, inflorescência monocásio, corola branca **8.2. *Solanum americanum***
 - 3'. Liana; ramos estriados, glabrescentes a hirsutos, folhas pinatífidas a lobadas, inflorescência dicásio, corola lilás **8.11. *Solanum seaforthianum***
 - 2'. Arbustos 4
 4. Ramos tomentosos a pubescentes, pseudoestípulas ausentes, tricomas simples e/ou estrelados, corola branca 5
 5. Ramos tomentosos; folhas lanceoladas a oval-lanceoladas; ovário hirsuto a tomentoso **8.3. *Solanum asperum***
 - 5'. Ramos pubescentes; folhas elípticas a obovadas; ovário glabro **8.10. *Solanum rugosum***

4'. Ramos velutinos, pseudoestípulas presentes, tricomas estrelados, corola lilás	8.12. <i>Solanum stipulaceum</i>
1'. Plantas aculeadas	6
6. Arbustos, subarbustos ou lianas; ramos glabrescentes, tomentosos, pubescentes a hirsutos; flores com corola branca ou lilás	7
6'. Arvoreta a árvore; ramos glabros; flores com corola amarelo claro a creme	8.14. <i>Solanum sycocarpum</i>
7. Arbustos ou subarbustos, folhas com margem inteira, repanda ou lobada	8
7'. Liana; folhas com margem sinuosa a levemente sinuosa	8.5. <i>Solanum jussiaei</i>
8. Ramos densamente tomentosos a hirsutos, folhas inermes	9
9. Folhas ovais a oval-elípticas; inflorescência monocásio terminal, corola lilás	8.6. <i>Solanum paludosum</i>
9'. Folhas elípticas; inflorescência dicásio axilar, corola branca	8.9. <i>Solanum rhytidoandrum</i>
8'. Ramos glabrescentes, escabros, pubescentes, pilosos e/ou pulverulento; folhas aculeadas	10
10. Ramos com tricomas simples e/ou estrelados	11

11. Corola rotada, lilás, raramente branca
 **8.7. *Solanum paniculatum***
- 11'. Corola estrelada, branca ou amarela esverdeada
 12
12. Folhas ovais, ovadas a oval-elípticas;
 inflorescência monocásio, corola amarela a
 esverdeada **8.1. *Solanum agrarium***
- 12'. Folhas lobadas a assimétricas;
 inflorescência dicásio, corola branca
 **8.13. *Solanum stramonifolium***
- 10'. Ramos com tricomas simples e/ou glandulares
 13
13. Ramos pubescentes; folhas deltoides, margem
 lobada, faces adaxial e abaxial pubescentes
 **8.4. *Solanum capsicoides***
- 13'. Ramos pilosos a hirsutos; folhas elípticas a
 oval-elípticas, margem repanda, faces adaxial e
 abaxial pilosas **8.8. *Solanum reflexiflorum***

8.1. *Solanum agrarium* Sendtn., Fl. Bras. 10: 69, pl. 5, f. 32-33. 1846. Fig. 1g. Fig. 3k-l.

Subarbusto ereto; ramos aculeados, cilíndricos, pubescentes, tricomas simples e estrelados. Folhas simples, aculeadas, 1,5–4 x 2–2,5 cm, ovais, ovadas a oval-elípticas, margem lobada a semi-lobada, base assimétrica, truncada a arredondada, ápice agudo a

obtusos, pubescentes em ambas as faces com tricomas simples, glandulares e estrelados, pseudoestípulas ausentes; pecíolo 1–2 cm compr., pubescente com tricomas simples. Inflorescência monocásio, 2–3-flora; pedúnculo 0,2–0,5 cm compr., pubescente, glabro; pedicelo 1,5–2 cm compr., pubescente. Sépalas subiguais 1,5–2,5 x 0,2–0,63 cm compr., glabras a glabrescentes, raramente com tricomas unicelulares nas sépalas externas. Corola estrelada, amarela a esverdeada, ca. 0,8 – 0,9 cm diâm., filetes 0,1–0,3 cm compr., anteras 0,4 – 0,6 cm compr., estilete ca. 0,8-1 cm compr., estigma ca. 0,4 cm compr., truncado. Fruto baga 1,8–2 cm diâm., glabro.

Material examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 9.X.1936, fl. e fr., *B. Pickel 4234* (IPA).

Material adicional examinado: Pernambuco – Altinho, Terreno baldio na Rua Clóvis Bezerra de Menezes, 5.VIII.2017, fl. e fr., *R. Lobo s/n* (IPA 91753); Comunidade Carão, 24.III.2007, fl., *V. T. Nascimento et al. 48* (UFP). Arcoverde, Serra das Varas, Mata da Torre, 20.II.2006, fl. e fr., *R. Pereira et al. 2562* (IPA). Bezerros, Serra Negra, sem data, fl. e fr., *J. Cantarelli et al. 188* (PEUFR). Cabrobó, Eixo Norte, 19.VII.22007, fl. e fr., *M. Oliveira 2962* (UFP). Caruaru, Próximo a borda da mata do IPA, 23.V.2001, fl., *A. C. O. Silva 40* (PEUFR). Mirandiba, Barra da Cachoeira, 11.II.2009, fl. e fr., *K. Pinheiro 1328* (UFP). Ouricuri, Lagoa Ouricuri, 22.XI.1989, fl., *E. P. Heringer et al. 485* (PEUFR).

Distribuição: É uma espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Centro-Oeste (Goiás), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe), Norte (Tocantins) e Sudeste (Minas Gerais), sendo representada nos domínios Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce e frutifica em outubro.

Comentários Taxonômicos: Na ESEC Tapacurá, *S. agrarium* pode ser confundida com *S. capsicoides*, porém seu hábitos e coloração de suas corolas são diferentes. *Solanum agrarium* é um subarbusto e sua corola é amarela a esverdeada, enquanto *S. capsicoides* é uma arvoreta a árvore e apresenta corola na cor branca.

8.2. *Solanum americanum* Mill., Gard. Dict. (ed.8) n.5. 1768.

Erva ereta, 0,4–0,7 m alt.; ramos inermes, glabros a pubescentes, tricomas simples. Folhas simples, 3,5–9 x 2–4 cm, elípticas a lanceoladas, margem inteira, base atenuada a assimétrica, ápice agudo, atenuado a acuminado, face adaxial glabra, glabrescente a pubescente, face abaxial esparsamente pubescente, tricomas simples, pseudoestípulas ausentes; pecíolo 0,4–1,6 cm compr., glabro a glabrescente. Inflorescência monocásio; pedúnculo 0,5–0,6 cm compr., glabrescente a pubescente, tricomas simples; pedicelo 0,04–0,06 cm compr., glabrescente a pubescente, tricomas simples. Sépalas subiguais 0,4–0,5 x 0,2 cm, glabras a glabrescentes. Corola estrelada, branca, ca. 0,4–0,8 cm diâm., filetes ca. 1 cm compr., glabrescentes a pubescente, anteras 0,1–0,15 cm compr., glabras, estilete 0,15–0,22 cm compr., pubescente na base, tricomas simples, estigma ca. 0,2 cm compr. Fruto baya 0,6–0,7 cm diâm., glabro.

Material examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá; 20.X.1999, fl. e fr., *E. Maranhão 10* (PEUFR); 12.II.1977, fl., *I. Pontual 1501* (PEUFR), VIII.1929, fl., *B. Pickel 2025* (IPA); VI.1924, fl., *B. Pickel 571* (IPA); VI.1917, fr., *B. Pickel 416* (IPA); 3.II.2020, fl. e fr., *D. P. Belo et al. 59* (PEUFR).

Distribuição: É uma espécie encontrada em todos os países com clima tropical e temperados com uma maior temperatura. No Brasil, encontra-se distribuída em todos os estados e regiões, sendo representada nos domínios Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce e frutifica em fevereiro, março, junho, agosto e outubro.

Comentários Taxonômicos: *S. americanum* apresenta o hábito herbáceo, ramos e folhas inermes, contendo tricomas simples em todas suas estruturas.

8.3. *Solanum asperum* Rich., Actes Soc. Hist. Nat. Paris 1: 107. 1792. Fig. 1h-i. Fig. 4a-b.

Arbusto ca. 2m alt.; ramos inermes, tomentosos, tricomas simples e estrelados. Folhas simples, 4–14 x 1,8–4 cm, lanceoladas a oval-lanceoladas, margem inteira, base atenuada, ápice agudo, atenuado a acuminado, faces adaxial e abaxial tomentosas, com tricomas estrelados, pseudoestípulas ausentes; pecíolo 0,4–1,4 cm compr., pubescente a tomentoso, tricomas simples e glandulares. Inflorescência dicásio; pedúnculo 4,3–11,7 cm compr., pubescente, tricomas estrelados; pedicelo 0,3 – 0,7 cm compr., pubescente, tricomas estrelados. Sépalas subiguais 0,4–0,6 x 0,2–0,25 cm, tomentosas. Corola estrelada, branca, ca. 0,5 - 1 cm diâm., tomentosa na base, tricomas estrelados, filetes ca. 1 cm compr., glabrescentes a pubescente, anteras 0,2–0,25 cm compr., ovário hirsuto a tomentoso, estilete 0,25–0,45 cm compr., tomentoso a piloso, estigma ca. 0,4 cm compr. Fruto baga 0,6–1,2 cm compr., pubescente a tomentoso, tricomas estrelados.

Material examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 15.VIII.2000, fl., *E. S. Silva et al. 11* (IPA); 3.V.2001, fl., K. Almeida 133 (PEUFR); 11.V.2004, fl., *M. S. Sobrinho 273* (UFP); 14.IX.2004, fl., *M. Silva et al. 04* (UFP); 16.IX.2019, fl. e fr., *D. P. Belo et al. 22* (PEUFR); 3.II.2020, fl., *D. P. Belo et al. 45* (PEUFR).

Distribuição: No Brasil, ocorre nas regiões Centro-Oeste (Goiás e Mato Grosso), Nordeste (todos os estados), Norte (Amazonas, Amapá, Pará e Roraima) e Sudeste

(Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo), sendo representada nos domínios Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce e frutifica nos meses de fevereiro, maio, agosto e setembro.

Comentários Taxonômicos: É uma espécie caracterizada por apresentar ramos densamente tomentosos, inermes, folhas lanceoladas a oval-lanceoladas e inflorescência com flores brancas.

8.4. *Solanum capsicoides* All., Auct. Syn. Meth. Stirp. Hort. Regii Taurin. 5: 64. 1773.

Subarbustos a arbustos, 0,5–0,7 m alt.; ramos aculeados, pubescentes, tricomas simples e glandulares. Folhas simples, aculeadas, inteiras a lobadas, 3,5–8 x 1,8–4 cm, deltoide, margem lobada, base cordada, ápice agudo, face adaxial levemente pubescente, face abaxial pubescente com tricomas simples e glandulares, pseudoestípulas ausentes; pecíolo 1,1–3 cm compr., aculeado, pubescente a puberulento. Inflorescência monocásio, 2–5-flora; pedúnculo 0,7–1 cm compr., pubescente; pedicelo 0,3 – 0,6 cm compr., pubescente. Sépalas subiguais 0,2–0,4 cm compr., glabras. Corola estrelada, branca, 1,5–2,5 cm diâm., glabra, filetes 0,2–0,3 cm compr., glabros, anteras 0,5–0,7 cm compr., amarelas, estilete 0,8–1 cm compr., glabro a glabrescente, estigma ca. 0,5 cm compr. Fruto baga, 1,4–2,3 cm diâm., glabro a glabrescente, com cálice acrescente não envolvido ao fruto.

Material Examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, VIII.1928, fl. e fr., *B. Pickel 1321* (IPA); 30.XII.2015, fl. e fr., *B. Pickel 1874* (IPA).

Material adicional examinado: Pernambuco – Bonito, Parque Municipal de Bonito, 30.VII.1996, fr., *M. C. Tschá 836* (PEUFR). Caruaru, Brejo dos Cavalos, Parque Ecológico Municipal Vasconcelos Sobrinho, 25.V.1995, fr., *M. C. Tschá et al. 100* (PEUFR). Jaqueira, Serra do Urubú, 1.IV.2012, fl. e fr., *V. Sampaio et al. 76* (UFP).

Recife, Mata de Dois Irmãos, 3.IX.1961, fl. e fr., *S. Tavares 773* (UFP); Dois Irmãos, X.1968, fl., *I. C. Leão 13* (UFP); Curado, 14.XI.2001, fl., *A. V. L. Leite et al. 18* (UFP).

Distribuição: É uma espécie neotropical, com ocorrência da Argentina até os Estados Unidos (Agra et al. 2009). No Brasil, ocorre nas regiões Centro-Oeste (Goiás), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul e Paraná), sendo representada nos domínios Caatinga e Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce e frutifica em agosto e dezembro.

Comentários Taxonômicos: *S. capsicoides* é caracterizada por apresentar uma grande quantidade de acúleos nos ramos e nas folhas, raramente ser confundida com a espécie *S. agrarium*. Porém, a principal diferença entre essas espécies é a coloração da corola e a forma dos acúleos. Em *S. capsicoides* a corola é branca e os acúleos apresentam o formato acicular, enquanto *S. agrarium* apresenta a corola amarela a esverdeada e seus acúleos são cônicos e recurvos.

8.5. *Solanum jussiaei* Dunal, Encycl., Suppl. 3: 767. 1810. Fig. 4c-d.

Liana; ramos aculeados, tomentosos, tricomas estrelados. Folhas simples, aculeadas, inteiras, 3–10 x 2–5,5 cm, elíptica a oval, margem sinuosa a levemente sinuosa, base arredondada, assimétrica a atenuada, ápice agudo a atenuado, tomentosas em ambas as faces com tricomas estrelados, pseudoestípulas ausentes ; pecíolo 0,5–1,8 cm compr., aculeado, tomentoso. Inflorescência monocásio; pedúnculo ca. 1,2 cm compr., tomentoso; pedicelo 0,3–0,7 cm compr., tomentoso. Sépalas subiguais 0,4–0,5 cm compr., glabra.

Corola estrelada, lilás, 2–3 cm diâm., glabra, filetes 0,2–0,3 cm compr., glabros, anteras não observadas, estilete não observado, estigma não observado. Fruto não observado.

Material Examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, XI.1923, fl., *E. Cirne 520* (IPA).

Material adicional examinado: Pernambuco – Bezerros, Serra Negra, 18.III.1995, fl., *L.P. Félix et al. 7040* (HST).

Distribuição: É uma espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste (Pernambuco e Ceará) e Sudeste (Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo), ocorrendo exclusivamente na Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção). Este é o primeiro registro da espécie para o Estado de Pernambuco e o segundo registro para a região Nordeste, onde a primeira ocorrência foi no estado do Ceará (Sampaio et al. 2019).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce em novembro

Comentários Taxonômicos: É uma espécie que apresenta o hábito lianescente com indumento tomentoso em toda sua estrutura.

8.6. *Solanum paludosum* Moric., Pl. Nouv. Amer. 29, pl. 20. 1837. Fig. 2a-b. Fig. 4e-f.

Arbusto, 1–3 m alt.; ramos aculeados, tomentosos, tricomas estrelados e glandulares. Folhas simples, inermes, inteiras, 8,5–15 x 5–10 cm, oval a oval-elíptica, margem inteira, repanda a levemente lobada, base obtusa, oblíqua a cuneada, face adaxial glabrescente ápice agudo a acuminado, tricomas estrelados e glandulares, face abaxial tomentosa, tricomas estrelados e glandulares, pseudoestípulas ausentes; pecíolo 1–4 cm compr., inerme a aculeado, glabrescente. Inflorescência monocásio terminal a axilar, 2–5-flora; pedúnculo 0,4–1 cm compr., tomentoso; pedicelo 0,2 – 0,8 cm compr., tomentoso. Sépalas

subiguais 0,5–1 cm compr., tomentosas. Corola estrelada, lilás, 2–3 cm diâm., glabra, filetes 1-2 cm compr., anteras 1–1,2 cm compr., amarelas, estilete 1,5–2 cm compr., tomentoso, estigma ca. 0,5 cm compr. Fruto baga, 1,5–2 cm diâm., glabrescente a tomentoso, com cálice acrescente ao fruto, tricomas estrelados e glandulares.

Material Examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, III.2015, fl., A. M. Silva 37 (IPA); 3.II.2020, fl. e fr., D. P. Belo et al. 49 (PEUFR)

Material adicional examinado: Pernambuco – Goiana, Rodovia a 5 Km de Goiana, BR-232, 4.VI.1970, fl., I. C. Leão 33 (UFP). Igarassu, Usina São José, 16.I.2015, fl., A. A. Silva et al. 16 (UFP); 12.III.2003, fl. e fr., G. J. Bezerra et al. 150 (PEUFR). Recife, Jardim Botânico, 14.XI.2001, fl. e fr., A. V. L. Leite et al. 17 (UFP). Tamandaré, Restinga de Ariquindá, fl. e fr., 25.XI.2002, S. S. Lira et al. 420 (PEUFR).

Distribuição: *S. paludosum*, é uma espécie endêmica da América do Sul, contendo registros para o Brasil, Guiana, Guiana Francesa, Suriname e Venezuela (Agra 2004). De acordo com Agra (2007), em território brasileiro a espécie ocorre na região Norte (Acre, Amapá, Pará e Roraima), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe) e Sudeste (Rio de Janeiro). Sendo representada nos domínios Amazônia, Caatinga e Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce e frutifica em fevereiro e março.

Comentários Taxonômicos: A espécie *S. paludosum* pode ser confundida com *S. paniculatum*, porém, ambas espécies se diferenciam em sua morfologia, desde o indumento, folhas, corola até a inflorescência. Outro fato bastante marcante entre as duas

espécies, é a pulverulência nos ramos e folhas presentes em *S. paniculatum*, que não existe em *S. paludosum*.

8.7. *Solanum paniculatum* L., Sp. Pl. 1: 267. 1762. Fig. 2c-d. Fig. 4g-h.

Arbusto 0,50–3 m alt.; ramos aculeados, glabrescentes, pubescentes a pulverulentos, tricomas simples e estrelados. Folhas simples, aculeadas, inteiras a lobadas, 3,5–16 x 2–14 cm, deltoide, largo-oval, lanceolada a elíptica, margem inteira a lobada, 2-5 lobos, base truncada, assimétrica, obtusa, cordada a arredondada, ápice agudo a acuminado, face adaxial glabra a glabrescentes, tricomas simples espaçados, face abaxial tomentosa a vilosa, tricomas estrelados, pseudoestípulas ausentes; pecíolo 1,6–3,5 cm compr., viloso a pulverulento, tricomas estrelados. Inflorescência dicásio, 3–10-flora; pedúnculo 1,5–2 cm compr., viloso; pedicelo 0,7–1,4 cm compr., viloso. Sépalas subiguais 0,49–0,55 x 0,14–0,17 cm compr., tricomas estrelados espaçados na face adaxial, tricomas glandulares na margem da sépala. Corola rotada, lilás ou branca, 1,1–1,53 cm diâm., filetes 0,1–0,12 cm compr., anteras 0,55 – 0,58 cm compr., estilete ca. 0,8 cm compr., estigma ca. 0,02 cm compr., truncado. Fruto baga, 0,8–1 cm diâm., glabro.

Material examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 21.XII.1999, fl., *K. C. Costa et al. 214* (IPA); 20.I.1977, fl., *I. Pontual 1511* (PEUFR); 2.XII.1977, fl., *I. Pontual s.n.* (PEUFR 5966); 3.IV.1936, s/fl. e s/fr., *V. Sobrinho 116* (IPA); 16.IX.2019, fl., *D. P. Belo et al. 16* (PEUFR); 3.II.2020, fl. e fr., *D. P. Belo et al. 46*, (PEUFR).

Distribuição: No Brasil, ocorre nas regiões Centro-Oeste (todos os estados), Nordeste (todos os estados), Norte (Pará), Sudeste (todos os estados) e Sul (todos os estados), sendo representada nos domínios Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce e frutifica em janeiro, fevereiro, setembro e dezembro.

Comentários Taxonômicos: É uma espécie facilmente de ser identificada, por apresentar seus ramos pubescentes a pulverulentos, aculeados e tricomas simples e estrelados presentes em todas suas estruturas. Suas folhas são inteiras a lobadas, podendo ser deltoide e sua corola é rotada, geralmente na cor lilás, podendo também apresentar a coloração branca.

8.8. *Solanum reflexiflorum* Moric. ex Dunal, Prodr. 13(1): 213. 1852. Fig. 2e.

Arbusto, 0,5–0,8 m alt.; ramos aculeados, pilosos a hirsutos, tricomas simples e glandulares. Folhas simples, aculeadas, inteiras a lobadas, 2–8 x 3,5–6 cm, elíptica a oval-elíptica, margem repanda, base oblíqua a obtusa, ápice agudo, face adaxial pilosa com tricomas estrelados e glandulares, face abaxial pilosa com tricomas simples e glandulares, pseudoestípulas ausentes; pecíolo 0,8–3 cm compr., aculeado, piloso. Inflorescência monocásio, 4–6-flora; pedúnculo 2,5–4 cm compr., piloso; pedicelo 0,4–0,6 cm compr., piloso. Sépalas subiguais 0,3–0,5 cm compr., pilosas com tricomas glandulares. Corola estrelada, branca, 1–1,5 cm diâm., pilosa, filetes ca. 0,1 cm compr., anteras 0,05–0,1 cm compr., estilete 0,5–0,6 cm compr., estigma ca. 0,3 cm compr. Fruto baga 0,6 – 1,5 cm diâm.

Material Examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 16.IX.2019, s/fl. e s/fr., *D. P. Belo et al. 19* (PEUFR).

Material adicional examinado: Pernambuco – Bonito, Reserva Municipal de Bonito, 24.XI.1994, fl. e fr., *M. R. C. S. Melo et al. 21* (PEUFR); 18.IX.1995, fl. e fr., *E. H. Rodrigues et al. 62* (PEUFR); 9.II.1996, fl. e fr., *L. F. Silva et al. 132* (PEUFR); 6.III.1996,

fl. e fr., *M. Oliveira et al.* 222 (PEUFR). Jaqueira, Serra do Urubu, RPPN Frei Caneca, Mata do Quengo, 31.III.2012, fl. e fr., *V. S. Sampaio et al.* 71 (UFP).

Distribuição: É uma espécie endêmica da região nordeste do Brasil, ocorrendo nos estados da Bahia e Pernambuco, sendo restrita ao domínio Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá não foi observado o período de floração e frutificação, sendo utilizados as informações com relação a esses órgãos através de material adicional.

Comentários Taxonômicos: É uma espécie que se diferencia das demais espécies do gênero *Solanum* ocorrentes na área de estudo, pela presença densa de tricomas e indumento do tipo piloso.

8.9. *Solanum rhytidoandrum* Sendtn., Fl. bras. 10: 85. 1846.

Arbusto, 0,8–1,8 m alt.; ramos aculeados, densamente tomentosos a hirsutos, tricomas estrelados. Folhas simples, inteiras, inermes, 3,5–12 x 1,6–6,9 cm, elípticas, margem inteira, base aguda, arredondada a cuneada, ápice agudo, atenuado a mucronado, face adaxial tomentosa, hirsuta a escabra, com tricomas estrelados, face abaxial tomentosa a hirsuta, com tricomas estrelados, pseudoestípulas ausentes; pecíolo 1,3–2 cm compr., geralmente aculeado, tomentoso. Inflorescência dicásio, corimbo, axilar, 3–5-flora; pedúnculo 1,5–3,2 cm compr., tomentoso; pedicelo 0,4–0,6 cm compr., tomentoso. Sépalas subiguais 0,8–1,1 cm compr., hirsutas, com tricomas estrelados e glandulares. Corola estrelada, branca, 1,6–2 cm diâm., glabrescentes a hirsutas, filetes 0,1–0,16 cm compr., anteras 0,35–0,5 cm compr., ovário hirsuto, com tricomas glandulares, estilete 0,7–1 cm compr., estigma ca. 0,25 cm compr. Fruto baga 1–1,3 cm diâm., glabro a glabrescente.

Material Examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, V.1936, fl., *Vasconcellos Sobrinho 144* (IPA); V.1936, s/fl. e s/fr., *B. Pickel 4142* (IPA); s/ data, fl., *Vasconcellos Sobrinho* (IPA 4857); s/ data, fl. e fr., *B. Pickel* (IPA 4863); 21.VIII.2003, fl. e fr., *M. S. Sobrinho 313* (UFP).

Material adicional examinado: Pernambuco – Águas Belas, Aldeia sede, 23.VIII.2007, fl., *G. T. Soldati et al. 246* (PEUFR). Brejo da Madre de Deus, Mata do Bituri, 14.IX.1999, fl. e fr., *A. M. da Silva et al. 6* (PEUFR). Goiana, Estrada do Canavial para a mata da Usina Matarf, 14.IV.1971, fl., *I. C. Leão 86* (UFP). Inajá, Reserva Biológica de Serra Negra, 16.IX.1995, fr., *M. C. Tschá et al. 251* (PEUFR). São Vicente Férrer, Mata do Estado, 28.XII.1995, *M. C. Tschá et al. 460* (PEUFR). Serra Talhada, Pimentinha, 17.V.1996, fl., *M. L. Gomes 217* (IPA); Microrregião do Pajeú, 9.VIII.1996, fl. e fr., *G. S. Baracho 47* (UFP).

Distribuição: De acordo com a Flora do Brasil 2020, a espécie no Brasil, ocorre nas regiões Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), Nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte) e Norte (Amazonas, Pará, Rondônia e Tocantins), sendo representada nos domínios Amazônia, Caatinga e Cerrado (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção). Sendo assim, o primeiro registro para o domínio Mata Atlântica.

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce em maio e agosto.

Comentários Taxonômicos: É uma espécie caracterizada por sua inflorescência do tipo corimbo, e de suas sépalas lanceoladas. O indumento tomentoso a hirsuto presente em sua estrutura e seus acúleos presentes em seus ramos e pecíolos, caracteriza a espécie.

8.10. *Solanum rugosum* Dunal, in DC., Prod. 13(1): 108. 1852. Fig. 4i-k.

Arbusto, 1,5–2,5 m alt.; ramos inermes, pubescentes, tricomas estrelados. Folhas simples, inteiras, 6,5–18 x 2–8,5 cm, elíptica a obovadas, margem inteira, base atenuada, ápice agudo a acuminado, face adaxial escabra a pubescente, face abaxial densamente pubescente, ambas com tricomas estrelados, pseudoestípulas ausentes; pecíolo 0,5–2,3 cm compr., pubescente. Inflorescência cimeira terminal, 2–6-flora; pedúnculo 5–15 cm compr., pubescente, tricomas estrelados; pedicelo 0,3–0,6 cm compr., pubescente. Sépalas subiguais 0,2–0,3 cm compr., pubescentes, tricomas estrelados. Corola branca, estrelada, 1–1,5 cm diâm., filetes 0,13–0,18 cm compr., anteras 0,22–0,3 cm compr., amarelas, ovário glabro, estilete 0,4–0,6 cm compr., estigma ca. 0,06 cm compr. Fruto baga 0,75–1 cm diâm., pubescente.

Material Examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 25.IV.1932, fl. e fr., *B. Pickel 2980* (IPA).

Material adicional examinado: Pernambuco – Água Fria, Engenho Sacramento, 27.I.2000, fl., *C. Eugenio et al. 469* (UFP). Bonito, Reserva Municipal de Bonito, 6.III.1996, fl., *M. J. Hora et al. 68* (PEUFR). Catende, 17.IV.2012, fl. e fr., *A. M. Miranda et al. 6495* (HST). Jaqueira, Serra do Urubú, 1.IV.2012, fl. e fr., *V. S. Sampaio et al. 77* (UFP). Recife, Jardim Botânico do Recife, 15.II.2002, fl., *V. S. Sampaio et al. 59* (UFP). Vicência, Engenho Jundiá, 31.X.1983, fl., *A. Chiappeta 428* (UFP).

Distribuição: Este é o primeiro registro da espécie para o estado de Pernambuco. Desta forma, no Brasil, ocorre nas regiões Centro-Oeste (Mato Grosso), Nordeste (Bahia, Maranhão e Pernambuco), Norte (Amazonas, Amapá, Pará e Rondônia) e Sudeste (Espírito Santo e Minas Gerais), sendo representada nos domínios Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce em abril.

Comentários Taxonômicos: É uma espécie bastante semelhante a *S. asperum*, porém, se diferente a princípio com relação ao indumento. Enquanto em *S. asperum* o indumento em todas as suas estruturas é tomentoso, o indumento em *S. rugosum* é pubescente. Além das folhas em *S. asperum* serem elípticas a estreitamente elípticas, em *S. rugosum* as folhas são elípticas a obovadas. Outra característica bastante marcante é o indumento do ovário de cada espécie. Em *S. asperum* o indumento é hirsuto a tomentoso, enquanto *S. rugosum* apresenta o ovário glabro.

8.11. *Solanum seaforthianum* Andr., Bot. Repos. 8: pl. 504. 1808.

Liana; ramos estriados, inermes, glabrescentes a hirsutos, com tricomas simples. Folhas simples, inermes, 2,5–5,2 x 2,5–3,5 cm, pinatífidas a lobadas, margem inteira a lobadas, base aguda, truncada, cuneada, hastada, levemente cordada a assimétrica, ápice dos lobos agudo a acuminado, face adaxial glabrescente, pubescente a hirsuta, com tricomas simples, face abaxial glabra, pseudoestípulas ausentes; pecíolo 1,3–4,2 cm compr., glabro, glabrescente, pubescente a hirsuto, com tricomas simples. Inflorescência dicásio, terminal; pedúnculo ca. 0,9–4 cm compr., glabrescente a hirsuto; pedicelo 0,4–1,1 cm compr., glabrescente a hirsuto. Sépalas subiguais ca. 0,2 cm compr., glabras. Corola estrelada, lilás, 0,9–1,1 cm diâm., filetes 0,1–0,3 cm compr., glabros, anteras 0,2–0,3 cm compr., amarelas, ovário glabro, estilete ca. 1 cm compr., glabro, estigma ca. 0,3 cm compr., capitado. Fruto baga 0,7–1,5 cm diâm., glabro.

Material Examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, II.1972, fl., B. Pickel 1541 (IPA).

Material adicional examinado: Pernambuco – Triunfo, Serra da Baixa Verde, Mata dos Picos, fl. e fr., 25.III.1970, *Andrade-Lima* 5803 (IPA); Subida para Lagoa Nova, 7.VI.1997, fl. e fr., A. M. Miranda 2689 (HST).

Distribuição: É uma espécie amplamente distribuída nas regiões tropicais e subtropicais. No Brasil ocorre nas regiões Centro-Oeste (Goiás), Nordeste (Bahia e Pernambuco), Norte (Tocantins), Sudeste (Minas Gerais e São Paulo) e Sul (Paraná e Rio Grande do Sul) (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce em fevereiro.

Comentários Taxonômicos: É uma espécie caracterizada por apresentar o hábito lianescente, geralmente apresenta em suas estruturas indumento pubescente a hirsuto, com tricomas simples. Das espécies do gênero *Solanum* ocorrentes na ESEC Tapacurá, apenas duas apresentam o hábito lianescente – *S. jussiaei* e *S. seaforthianum* e a principal diferença entre elas, é a presença de acúleos e a forma das folhas; *S. seaforthianum* é uma planta inerme, além de apresentar folhas pinatífidas a lobadas.

8.12. *Solanum stipulaceum* Willd. ex Roem. & Schult., Syst. Veg. 4: 662. 1819.

Fig. 2f-g. Fig. 4l-n.

Arbusto, 0,5–2,5 m alt.; ramos inermes, velutinos, tricomas estrelados. Folhas simples, inteiras, 4–11 x 1,5–5 cm, lanceoladas a elíptica, margem inteira, base redonda a atenuada, ápice agudo, velutinas em ambas as faces, tricomas estrelados, pseudoestípulas presentes; pecíolo 1–4 cm compr., velutino. Inflorescência dicásio, 2–7-flora; pedúnculo 1,5–6 cm compr., velutino; pedicelo 0,3–0,6 cm compr., velutino. Sépalas subiguais 0,5–0,6 cm compr., velutinas com tricomas estrelados. Corola estrelada, lilás, 1–2,4 cm diâm., filetes ca. 0,2 cm compr., anteras 0,3–0,5 cm compr., amarelas, estilete 0,4–0,8 cm compr., estigma ca. 0,08 cm compr. Fruto baga 0,9 – 1,3 cm diâm., escabro a velutino.

Material Examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 4.IX.2001, fl. e fr., *K. Almeida et al.* 193 (PEUFR); 3.II.2020, fl. e fr., *D. P. Belo et al.* 47 (PEUFR).

Material adicional examinado: Pernambuco – Bezerros, Parque Ecológico de Serra Negra, 27.XII.1995, fl. e fr., *M. C. Tschá et al.* 431 (PEUFR). Buíque, Parque Nacional do Catimbau, 26.X.2006, fl. e fr., *E. A. Rocha et al.* 1554 (IPA); 10.I.2020, fl. e fr., *D. P. Belo et al.* 37 (PEUFR); 30.XI.2019, fl. e fr., *D. P. Belo et al.* 26 (PEUFR). Caruaru, Brejo dos Cavalos, 4.I.1996, fl. e fr., *M. C. Tschá et al.* 497 (PEUFR). Tamandaré, Restinga de Ariquindá, 17.VI.2002, fl. e fr., *S. S. Lira et al.* 358 (PEUFR).

Distribuição: É uma espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Centro-Oeste (Goiás), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Sergipe) e Sudeste (Minas Gerais), sendo representada nos domínios Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce e frutifica em fevereiro e setembro.

Comentários Taxonômicos: É uma espécie que se diferencia das demais espécies do gênero *Solanum* por apresentar indumento velutino e pseudoestípulas.

8.13. *Solanum stramonifolium* Jacq., Misc. Austriac. 2: 298-299. 1781. Fig. 2h-i. Fig. 4o-q.

Arbusto, 1–2 m alt.; ramos aculeados, pubescentes a tomentosos, tricomas estrelados. Folhas simples, aculeadas, 8–21 x 6–16,5 cm, lobadas, oval a assimétrica, margem lobada, base cordada, subcordada, sagitada a oblíqua, ápice agudo, face adaxial escabra a tomentosa com tricomas estrelados, face abaxial tomentosa com tricomas estrelados, pseudoestípulas ausentes; pecíolo 4–10 cm compr., aculeado, tomentoso. Inflorescência dicásio; pedúnculo ca. 0,3–0,6 cm compr., tomentoso; pedicelo 0,7–1,1 cm compr., tomentoso. Sépalas desiguais 0,5–0,8 cm compr., glabrescentes. Corola estrelada, branca, 1–2 cm diâm., glabra, filetes 0,1–0,2 cm compr., glabros, anteras 0,8–1 cm compr.,

amarelas, estilete 0,8–1 cm compr., glabro, estigma 0,5 cm compr. Fruto baga 0,5–1 cm diâm., verdes a alaranjados, escabros a pubescentes.

Material Examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 16.IX.2019, fl. e fr., *D. P. Belo et al.* 46 (PEUFR).

Distribuição: É uma espécie neotropical com ampla distribuição na América Tropical (Agra et al. 1999). No Brasil, ocorre nas regiões Nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco), Norte (Acre, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) e Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo), nos domínios Amazônia e Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce e frutifica em setembro.

Comentários Taxonômicos: É uma espécie que pode ser confundida com *Solanum paniculatum*, porém, se diferencia no formato da corola, em *S. paniculatum* a corola é rotada, enquanto *S. stramonifolium* é estrelada, e no tipo de indumento presente em toda sua estrutura.

8.14. *Solanum sycocarpum* Mart. & Sendtn., Flora 24(2): Beibl. 85-86. 1841.

Arvoreta a árvore, 1–10 m alt.; ramos aculeados, glabros. Folhas simples, inermes, inteiras, 8–20 x 4–9 cm, elípticas a levemente obovadas, margem inteira, base cuneada a assimétrica, ápice agudo a obtuso, glabras em ambas as faces, pseudoestípulas ausentes; pecíolo 1,8–7 cm compr., glabro. Inflorescência dicásio, flores suculentas; pedúnculo ca. 0,45–3,5 cm compr., glabro; pedicelo 0,5–1 cm compr., glabro. Sépalas subiguais 0,1–0,3 cm compr., glabras. Corola estrelada, amarelo claro a creme, 1,6–2,5 cm diâm., margem com tricomas glandulares, filetes 0,1–0,15 cm compr., glabros, anteras 0,3–0,4 cm compr., amarelas, estilete 0,35–0,55 cm compr., glabro, estigma ca. 0,4 cm compr. Fruto baga 1,3–2,7 cm diâm., glabro.

Material Examinado: Pernambuco – São Lourenço da Mata, ESEC Tapacurá, 3.VIII.1983, fl., *V. C. Andrade* 245 (PEUFR); 25.VII.2000, fl.e fr., *E. L. Sette Silva* 3 (PEUFR, NYBG); 14.I.2004, fl. e fr. *M. S. Sobrinho* 486 (UFP); Refúgio de Vida Silvestre Mata do Toró, III.2016, fl. e fr., *E. G. Santos* 25 (IPA).

Distribuição: É uma espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nas regiões Nordeste (Bahia e Pernambuco) e Sudeste (Espírito Santo e Rio de Janeiro), sendo endêmica do domínio fitogeográfico Mata Atlântica (Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção).

Aspectos Fenológicos: Na ESEC do Tapacurá a espécie floresce e frutifica em janeiro, março, julho e agosto.

Comentários Taxonômicos: É uma espécie lenhosa e totalmente glabra, se diferencia das demais espécies do gênero na ESEC Tapacurá pelo seu hábito (arvoreta a árvore) e por apresentar inflorescência dicásio com flores suculentas.

Considerações finais

Com este estudo, foi possível evidenciar que a riqueza da família Solanaceae em Pernambuco estava subestimada, sendo registrados três novas ocorrências para o estado e duas novas ocorrências para o domínio da Mata Atlântica – *Physalis peruviana*, *Solanum jussiaei* e *S. rugosum* (novos registros para Pernambuco), *Datura metel* e *Solanum rhytidoandrum* (novas ocorrências para a Mata Atlântica). Salientando-se que o gênero *Solanum* se configura como o mais representativo na ESEC do Tapacurá, apresentando uma grande diversidade de indumentos e tricomas.

Logo, observa-se que a família apresenta uma grande diversidade na Mata Atlântica, um *hotspots* de biodiversidade que vem sofrendo uma histórica degradação, o que acaba colocando em risco a sobrevivência das espécies que vivem neste domínio fitogeográfico.



Figura 1. a-b. *Brunfelsia uniflora* – a. ramo florífero; b. fruto. c. *Cestrum gardneri* – ramo florífero. d. *Datura metel* – flor. e-f. *Physalis angulata* – flor. g. *Solanum agrarium* - ramo florífero. h-i. *Solanum asperum* – h. ramo florífero; i. flor aberta.

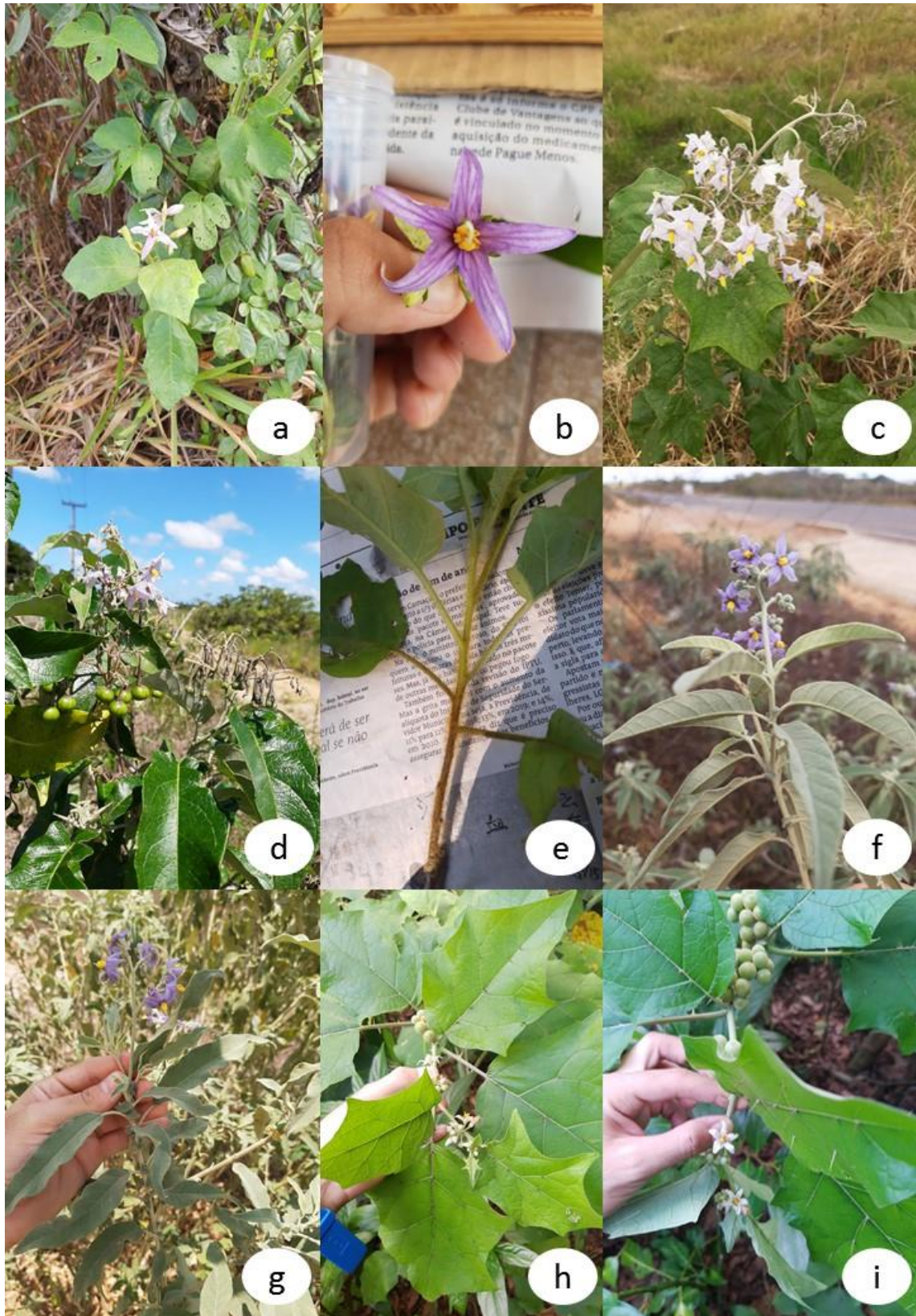


Figura 2. a-b. *Solanum paludosum* – a. inflorescência; b. flor. c-d. *Solanum paniculatum* – c. ramo florífero; d. frutos. e. *Solanum reflexiflorum* – ramo vegetativo. f-g. *Solanum stipulaceum* – f. ramo florífero; g. pseudoestípulas. h-i. *Solanum stramonifolium* – h. ramo florífero; i. flor e frutos.

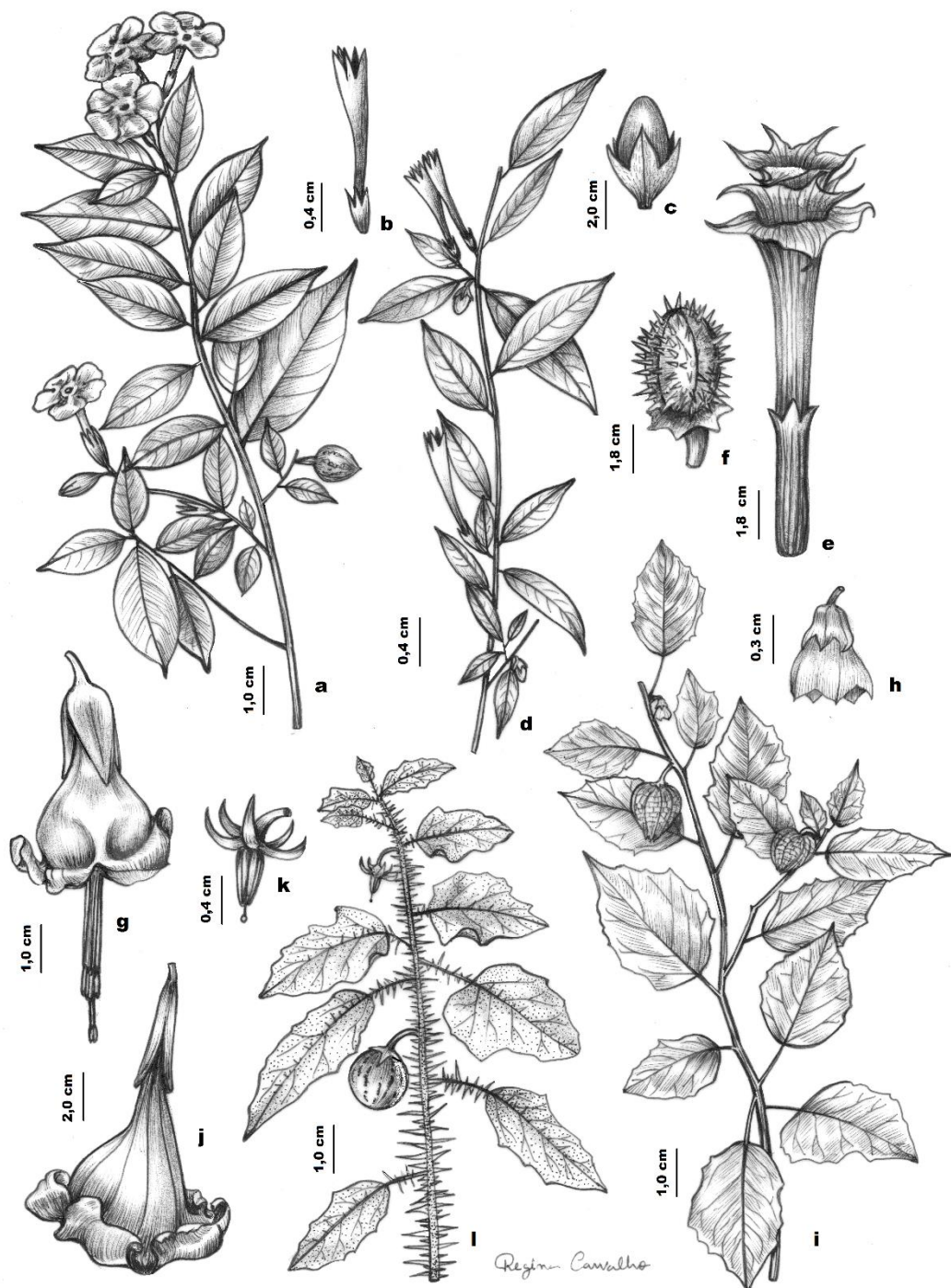


Figura 3. a. *Brunfelsia uniflora* – ramo florífero; b-d. *Cestrum gardneri* – b. flor; c. fruto; d. ramo florífero. e-f. *Datura metel* – e. flor; f. fruto. g. *Dyssochroa viridiflorum* – flor. h-i. *Physalis angulata* – h. flor; i. ramo florífero. j. *Solandra grandiflora* – flor. k-l. *Solanum agrarium* – k. flor; l. ramo florífero.



Figura 4. a-b. *Solanum asperum* – a. flor; b. ramo florífero. c-d. *Solanum jussiaei* – c. ramo florífero; d. flor. e-f. *Solanum paludosum* – e. ramo florífero; f. flor. g-h. *Solanum paniculatum* – g. flor; h. ramo florífero. i-k. *Solanum rugosum* – i. flor; j. fruto; k. ramo florífero. l-n. *Solanum stipulaceum* – l. flor; m. fruto; n. ramo florífero. o-q. *Solanum stramonifolium* – o. flor; p. fruto; q. ramo florífero.

Agradecimentos

Ao diretor responsável pela Estação Ecológica de Tapacurá, por toda atenção em nossas expedições de campo. Além de todos os curadores dos Herbários visitados. À Regina Carvalho pelas belíssimas ilustrações. Ao prof. Leandro Giacomini, pelo suporte e ajuda nas identificações.

Referências

Agra, M.F. 1999. Diversity and distribution of *Solanum* subgenus *Leptostemonum* in Northeast of Brazil. In: (Eds.) Nee, M., Symon, D., Lester, R.N., Jessop, J.P. Solanaceae IV. Advances in Biology and Utilization. Kew: Royal Botanical Gardens. p. 197-203.

Agra, M. F.; Bhattacharyya, J. 1999. Ethnomedicinal and phytochemical investigation on the *Solanum* species in the Northeast of Brazil. In: (Eds.) Nee, M., Symon, D., Lester, R.N., Jessop, J.P. Solanaceae IV. Advances in Biology and Utilization. Kew: Royal Botanical Gardens. p. 341-343.

Agra, M. F. 2004. Sinopse Taxonômica de *Solanum* sect. *Erythrotrichum* (Solanaceae). In: Rangel-CH., J.O., Aguirre, J.C., Andrade, M. G. C.; Cañas, D. G. (Org.). Congresso Latinoamericano e II Colombiano de Botânica, VIII, 2004. Bogotá, v. 1, p. 192-211.

Agra, M.F. 2007. Diversity and Distribution of *Solanum* subgenus *Leptostemonum* in Brazil. p. 31-43. In: D.M. Spooner; L. Bohs; J. Giovannoni; R.G. Olmstead & D. Shibata (orgs.). Acta Horticulturae - VI International Solanaceae Conference: Genomics Meets Biodiversity. Madison, Wisconsin, International Society for Horticultural Science, v. 745.

Agra, M. F., Nurit-Silva, K. & Berger, L. R. 2009. Flora da Paraíba, Brasil: *Solanum* L. (Solanaceae). Acta Botanica Brasilica 23: 826-842.

- Agra, M. F. 2009. In: Alves, M., Araújo, M. F., Maciel, J. R., Martins, S. Flora de Mirandiba. Solanaceae. Recife: Associação Plantas do Nordeste. 1ª ed. p. 339-344.
- Albuquerque, L.B. 2001. Polinização e dispersão de sementes em Solanáceas neotropicais. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 203 p.
- Athiê-Souza, S. M. *et al.* 2019. Phanerogamic flora of the Catimbau National Park, Pernambuco, Brazil. *Biota Neotropica* 19(1): e20180622.
- Azevedo Júnior, S. M. 1990. A estação Ecológica do Tapacurá e suas aves. In: Azevedo Jr. SM. IV Encontro Nacional de Anilhadores de Aves. Recife: Imprensa Universitária, Universidade Federal Rural de Pernambuco. p. 92-99.
- Carvalho, L. d' A. F. 1978. O gênero *Schwenckia* D. Van Rooyen ex Linnaeus no Brasil (Solanaceae). *Rodriguésia* 44: 307-524.
- Coelho, A. G. M. 1979. As aves da Estação Ecológica de Tapacurá, Pernambuco. *Notulae Biologicae*. 2: 1-18.
- D'Arcy, W.G. 1973. Flora of Panama, Part IX - Family 170 - Solanaceae. *Ann. Missouri Bot. Gard.*, v. 60, n. 3, p. 573-780.
- FIDEM. 1987. Região Metropolitana do Recife – Reservas Ecológicas – Série Desenvolvimento. Urbano e Meio ambiente. Recife: Alcântara Promoções e Publicidade S/A.
- Giacomin, L.L. & Gomes, E.S.C. 2018. Flora das cangas da Serra dos Carajás, Pará, Brasil: Solanaceae. *Rodriguésia* 69(3): 1373-1396.
- Harris, J. G.; Harris, M. W. 2001. Plant Identification Terminology: an Illustrated glossary. 2. ed. Spring Lake, Utah. 197p.

- Hunziker, A.T. 2001. *Genera Solanacearum, the genera of Solanaceae illustrated*, arranged according to a new system. A.R.G. Gantner Verlag, Ruggell. 550p.
- JSTOR Plants. 2016. *JSTOR global plants*. Disponível em: <<http://plants.jstor.org/>>.
Acesso em 10 novembro 2019.
- Kissmann, K.G.; Groth, D. 2000. *Plantas infestantes e nocivas*. Tomo III. 2.ed. São Paulo: BASF. 721p.
- Knapp, S. 2002. *Solanum* section *Geminata* (Solanaceae). *Flora Neotropica*. 84: 1-404.
- Melo, A. *et al.* Updated Floristic Inventory of the Angiosperms of the Usina São José (USJ), Igarassu, Pernambuco, Brazil. 2011. *Revista Nordestina de Biologia*, v. 20, n. 2, p. 3-26.
- Moraes, A. DE O.; Melo, E. DE; Agra, M.F.; França, F. 2009. A família Solanaceae nos “Inselbergs” do semi-árido da Bahia, Brasil. *Iheringia, Sér. Bot. Porto Alegre*. v.64, n.2, p. 109-122.
- Mori, S. A.; Mattos-Silva L. A.; Lisboa G. & Coradin, L. 1985. *Manual de manejo do herbário fanerogâmico*. 24. ed. Centro de Pesquisas do Cacau, Ilhéus. 104p.
- Nee, M. 1986. Solanaceae I. (trd. Nancy P. Moreno). *Flora de Veracruz*, Xalapa, Veracruz, v. 49, p. 1-191.
- Olmstead, R. G. R. *et al.* 1999. Phylogeny and provisional classification of the Solanaceae based on chloroplast DNA. In: M. Nee & D.E. Symon (eds.). *Solanaceae IV: advances in biology and utilization*. Kew, Royal Botanic Gardens. p. 111-138.
- Sampaio, V. S.; Vieira, I. M. F.; Lima Júnior, E. A.; Loiola, M. I. B. 2019. Flora do Ceará, Brasil: *Solanum* (Solanaceae). *Rodriguésia* 70: e02512017.

Soares, E.L.C.; Vignoli-Silva, M.; Mentz, L.A. 2007. O gênero *Cestrum* (Solanaceae) no Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisas, Botânica, v. 58, p. 263-282.

Soares, E. L. C.; Vendruscolo, G. S.; Vignoli-Silva, M; Thode, V. A.; Silva, J. G & Mentz, L. A. 2009. O Gênero *Physalis* L. (Solanaceae) no Rio Grande do Sul, Brasil. Pesquisas. Botânica (60): 323-320.

Soares, E.L.C.; Vignoli-Silva, M.; Mentz, L.A. 2011. Sinopse taxonômica e chave ilustrada dos gêneros de Solanaceae ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil. Acta Botânica Brasílica 25 (2): 346-362.

Solanaceae in Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB7021>>. Acesso em 20 mai. 2020.

Sousa, E.C.; Agra, M.F.; Nurit, K. 2004. Flora da Paraíba: Solanaceae I – *Schwenckia* L. Revista Nordestina de Biologia 18(1): 15-26.

Souza, V.C. & Lorenzi, H. 2012. Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias brasileiras de fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG III. 3. ed. Plantarum. São Paulo. 768 p.

Thiers B. [continuously update] Index Herbariorum: A global directory of public herbaria and associated staff. New York Botanical Garden's Virtual Herbarium.

Disponível em: <<http://sweetgum.nybg.org/science/ih/>>. Acesso em 17 outubro 2019.